Ações Formativas em Arte-Educação

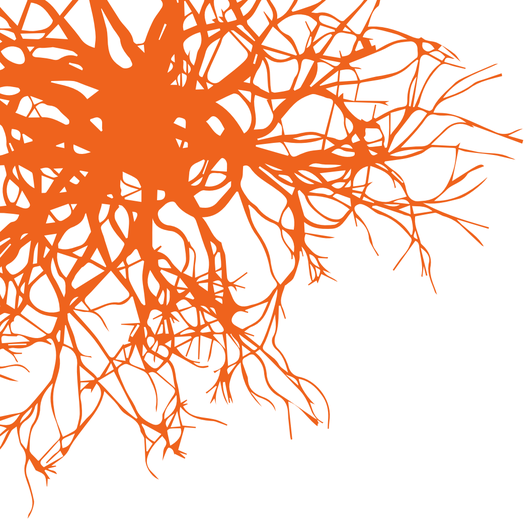
arte na escola

Ações Formativas em Arte-Educação

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

São Paulo

2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ações formativas em arte-educação [livro eletrônico] / organização Maíra Martinez... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2022.
PDF.

Outros organizadores : Pedro Ermel, Micaela Altamirano, Jaqueline Vasconcellos, Inaê Coutinho.
ISBN 978-85-7762-077-7

1. Aprendizagem - Metodologia 2. Arte 3. Educação 4. Professores - Formação I. Martinez, Maíra. II. Ermel, Pedro. III. Altamirano, Micaela. IV. Vasconcellos, Jaqueline. V. Coutinho, Inaê.

22-121445 CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e arte 370.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Há 32 anos o Instituto Arte na Escola qualifica o ensino de Artes e promove a formação de professores da Educação Básica em todo o país. Tudo começou com a articulação da Rede Arte na Escola, que mantém parcerias estratégicas com polos de formação de professores de artes nas diversas regiões do Brasil, por meio de convênios. Hoje são 32 polos conveniados, localizados em instituições parceiras de 32 cidades e 17 estados do país.

Foi no Instituto Arte na Escola que nasceu, em 2004, a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte, metodologia que embasou a elaboração dos materiais educativos, criados para o uso em sala de aula, dos 162 títulos que compõem a Midiateca Arte na Escola, dedicada às temáticas e artistas da arte brasileira contemporânea. A concepção conceitual dessa metodologia foi proposta pelas arte-educadoras Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque, que a desenvolveram a partir da acepção de rizoma, elaborada pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e a descolaram conceitualmente para o mundo das Artes. A Tecnologia Rizomática entende os processos de aprendizagem da arte como processos abertos, descentralizados, que podem se expandir em direções móveis e indeterminadas e estabelecer conexões transversais, sem que sejam impostos limites ou restrições a priori.

Essa tecnologia que propomos no Instituto Arte na Escola implica uma inversão na elaboração de um plano de aula, como é comumente realizado, já que elege um ponto de partida e não um ponto de chegada e foca no percurso, que é o trajeto para o resultado, a fim de criar conexões dialógicas entre a perspectiva do professor-propositor, os interesses dos alunos e o contexto escolar no aprendizado.

Os materiais educativos foram elaborados em colaboração com as coordenações dos Polos Rede Arte na Escola, e, por terem sido escritos a muitas mãos, para serem utilizados por um público diversificado, proveniente de diversas regiões do país, trazem em sua gênese as características para as quais convocam o(a) professor(a): a uma atitude propositiva e a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento em artes.

Em 2010, o Ministério da Educação aprovou essa metodologia de ensino e a incluiu no seu Guia de Tecnologias Educacionais. Isso fez da Tecnologia Rizomática de Ensino da Arte um modelo para elaboração de diversos currículos escolares, pois estimula o “ensino de arte por territórios”.

Os conceitos acerca de redes colaborativas e de rizoma (enquanto estratégia de ensino-aprendizagem) alicerçam a atuação do Instituto Arte na Escola, que cumpre, por meio da utilização de metodologias que envolvem esses conceitos, sua missão em ativar o circuito nacional da arte-educação, ao conectar arte-educadores, artistas, pesquisadores, interessadas e interessados no ensino da arte e da cultura brasileira.

Os Polos Rede Arte na Escola desenvolvem uma série de ações de formação para os educadores, presentes em seu território, atuando principalmente por meio de grupos de estudos, pesquisa, palestras e encontros formativos, com foco em ações de formação continuada, e especializando cerca de 8 mil professores por ano e com aproximadamente 40 milhões de alunos impactados até hoje.

Essas formações pautam-se em proposições dialógicas e ativas, que acionam a responsabilidade participante e visam profundidade na interpretação das questões e demandas partilhadas. Elas mantêm também em seu horizonte os princípios do rizoma nas artes que são conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura de hierarquização e cartografia.

As ações dos polos são elaboradas levando em consideração as características regionais de cada polo e a pluralidade de respostas diante dos diferentes desafios a partir do seu contexto. Parte-se da premissa de que, conforme nos ensinou Paulo Freire, o ser humano está integrado ao seu contexto, pois não está apenas no mundo, mas com o mundo. Essa integração o enraíza, permite-lhe sair de um posição de simples adaptação e acomodação e dinamizar o seu mundo, por meio de atos de criação, recriação e decisão. Permite-lhe também, nas palavras do educador, humanizar a realidade, acrescentar a ela algo que ele mesmo é o fazedor. Permite-lhe fazer cultura. (FREIRE, 1967)

O Instituto Arte na Escola também vem oferecendo, anualmente, formação continuada aos seus coordenadores, por meio dos Encontros da Rede Arte na Escola e pelas diversas ações que desenvolvemos. Desde a elaboração de cursos, lives e materiais formativos até a produção de séries autorais sobre arte e cultura contemporânea brasileira, o IAE ocupa-se em entender cenários regionais e aponta para estratégias que engajem os coordenadores no desenvolvimento de formações continuadas para professores de arte de todo o Brasil, com o foco na socialização de práticas e reflexões acerca das demandas e urgências no ensino de Arte em seus contextos de atuação.

Os Encontros Regionais, os quais apresentaremos nesta publicação, com luz sobre o encontro ocorrido em 2021, valorizam a diversidade cultural das diferentes regiões brasileiras e a forma como ela repercute nos diversos

contextos educativos e nas práticas artísticas contemporâneas. Além disso, esses encontros configuram momentos de aproximação e criação de vínculos entre as coordenações dos polos e a equipe do Instituto Arte na Escola, o que garante a manutenção de um espaço de trocas democrático e dialógico, permeável e aberto a inquietações e interrogações.

A frequência e constância dos Encontros da Rede Arte na Escola é o que torna possível observar a significativa transformação vivenciada por coordenadoras e coordenadores dos polos a partir da formação continuada. Percebe-se a progressiva apropriação de sua condição de sujeito (e não expectador) de sua realidade, a incorporação de uma atitude de criação e recriação, de uma postura interferente em seu contexto. Entendem a si mesmas e a si mesmos como professores, propositores, pesquisadores, e inventores que criam experiências de pensamento e constroem percursos sobre/ na arte. A temática e os polos parceiros desses encontros são feitos sempre pelas coordenações dos polos presentes, que apontam demandas comuns que colaborem para redimir as carências formativas locais.

Por isso, esta publicação trata-se não apenas de um registro dos encontros que ocorreram em 2021, mas de um documento que aponta para as diversas complexidades do trabalho em rede e de como estamos operando no Instituto Arte na Escola para fomentar e manter uma rede colaborativa diversa, tal qual a Rede Arte na Escola.

Convidamos todos professores e a todas professoras a dialogarem conosco ao longo desses escritos que contemplam desde textos críticos a relatos das coordenações dos polos e textos resultantes dos encontros.

Essa sinergia de trabalho só nos foi possível com a colaboração dos diversos nós dessa trama, que vem operando em prol da educação em arte e cultura por todo o Brasil, a qual nossa saudosa Evelyn Iochpe nomeou Rede Arte na Escola.

Equipe Instituto Arte na Escola

Sumário

Sumário interativo

1 Paisagens da memória

Encontros com Evelyn Ioschpe

A Rede em formação

Entre a escola e a exposição de arte

2 Diálogos sobre Rede

Algumas provocações sobre redes sociais colaborativas sob à luz da experiência da Rede Arte na Escola

Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de colaboração e produção de conhecimento

3 Rede Arte na Escola

Caminhos formativos da Rede Arte na Escola

4 Histórico dos polos da Rede Arte na Escola

4.1 Região Norte

4.2 Região Nordeste

4.3 Região Centro-Oeste e Sudeste

4.1 Região Sul

5 Encontros Regionais 2021

5.1 Eventos comuns

5.2 Regional Norte

5.3 Regional Nordeste

5.4 Regional Centro-Oeste e Sudeste

5.6 Regional Sul

6 Ações em Conexão

7 Ficha técnica

1 Paisagens da memória

Encontros com Evelyn Ioschpe

por **Julio Landmann** [1]

Quando eleito presidente da Fundação Bienal de São Paulo, no início de 1997, estabeleci com Paulo Herkenhoff, a quem havia convidado para o cargo de Curador, que a XXIV edição seria apoiada no tripé destes três “es”: exibição, edição e educação. Esse último, no meu ponto de vista, o mais importante a longo prazo. Criamos então, na Fundação Bienal de São Paulo, o cargo de Diretor(a) de Educação. E Evelyn Ioschpe foi indicada por Paulo.

Com o seu sorriso cativante e inesquecível, Evelyn transformou o ensino da arte no Brasil

1 É conselheiro do Instituto Arte na Escola. Foi presidente da Fundação Bienal de São Paulo de 1997 a 1999, presidindo a 3ª Bienal Internacional de Arquitetura e a 24ª Bienal de São Paulo, foi vice-presidente da Associação Pinacoteca Arte e Cultura e desde 2019 é o Presidente do Conselho da Fundação Bienal de São Paulo.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Encontrei-a em seu apartamento e, nesse primeiro momento, Evelyn impressionou-me profundamente, por sua elegância, inteligência e convicção da importância do ensino da arte. Seu entusiasmo em aceitar a direção educativa da XXIV Bienal ficou evidente desde o primeiro contato.

O novo desafio foi enfrentado por Evelyn com paixão. Inicialmente foram convidados professores das redes pública e privada, com o objetivo de compreender, por meio deles, como a arte era ensinada nas escolas. A maioria relatou que oferecia como material apenas papel e lápis coloridos. Uma professora mencionou um caderno no qual colava artigos de revistas e jornais sobre artistas brasileiros e suas respectivas obras. A partir desses encontros, para nós ficou evidente a necessidade de produzir um material didático de apoio aos professores para auxiliá-los a levar a arte contemporânea à escola.

Como consequência, foi produzido o Material Educativo da XXIV Bienal, um kit composto de pranchetas que continham ilustrações de algumas obras presentes na exposição, informações sobre o artista, contextualizando-o no momento político-social. Constavam também sugestões de perguntas, com a intenção de provocar discussões multidisciplinares. Foi um material inovador que passou a ser usado como referência em termos de apoio didático a professores de arte.

Para nós ficou evidente a necessidade de produzir um material didático de apoio aos professores para auxiliá-los a levar a arte contemporânea à escola.

Em 1989 Evelyn criou o Arte na Escola, o qual deu origem ao Instituto Arte na Escola (IAE) em 2000, de cujo Conselho Deliberativo Paulo Herkenhoff e eu fomos convidados a participar. Naquele ano foi lançado também o Prêmio Arte na Escola Cidadã, para estimular novas abordagens para o ensino da arte.

Com o seu sorriso cativante e inesquecível, Evelyn transformou o ensino da arte no Brasil, ao produzir materiais didáticos qualificados e estimular a divulgação da arte, por meio de cursos, bolsas e premiações para educadores. Seu legado, um exemplo daquilo que é possível realizar com paixão e tenacidade, abriu novo caminho para o ensino da arte.

Sinto-me muito honrado por ter tido a oportunidade de trabalhar ao lado da mulher ímpar que foi Evelyn Ioschpe.

A rede em formação

por **Nadja de Carvalho Lamas**[2]

O Instituto Arte na Escola surgiu em 1989, em conjunto com a criação da Fundação Iochpe, por iniciativa de Evelyn Berg Iochpe, que estava sempre atenta à necessidade e à importância do ensino da arte integrar a educação básica para a formação cidadã no país.

A primeira ação do Arte na Escola decorreu da parceria entre a fundação e a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, ao realizar pesquisa-ação, coordenada por Ana Mae Barbosa, com professores de arte da rede de ensino municipal, a partir de cinco vídeos sobre arte, que pertencem ao acervo da Fundação Iochpe. Os resultados foram materializados na publicação *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*[3].

No ano seguinte, formaram-se parcerias, no interior do Rio Grande do Sul, com a Universidade de Caxias do Sul, a Universidade Federal de Pelotas, a Fundação de Artes de Montenegro e o Museu Lasar Segall, em São Paulo. Em 1993, por iniciativa da Universidade do Estado de Santa Catarina, um consórcio foi formado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Regional de Blumenau e Universidade da Região de Joinville. Em 1994, constituiu-se a Rede Arte na Escola, ao integrar a Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal do Pará.

É desse período a constituição do Comitê Estratégico para a Gestão da Rede, com mandato de dois anos, composto da Presidência da Fundação Iochpe, de um coordenador de polo em universidade federal e de um coordenador de polo em IES de sistema comunitário ou de um coordenador de instituição cultural. A dinâmica de rodízio de coordenadores possibilita que todos os polos vivenciem a gestão e passem a ter melhor conhecimento do funcionamento da rede e do próprio polo.

Desse modo, os anos 1990 foram importantes, pois corriam dois movimentos paralelos: o da expansão da rede e respectiva estruturação dos novos polos e o da ampliação das ações de formação continuada e

2 Nadja de Carvalho Lamas é coordenadora do Polo Arte na Escola da Univille (Universidade da Região de Joinville) e é sócia fundadora do Instituto Arte na Escola.

3 PILLAR, Analice Dutra; VIEIRA, Denyse. O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte. Porto Alegre: UFRGS; Arte na Escola, 1992.

construção de materiais educativos. Além disso, a parceria com a Getty Center[4] possibilitou que vários coordenadores participassem dos cursos de verão nas universidades americanas vinculadas àquela instituição.

Foram experiências importantes tanto internacionais quanto nacionais. Internamente, na rede, as trocas eram estimuladas e frequentes, e delas vieram experiências muito significativas sobre o cotidiano vivenciado em sala de aula, como as do Colégio de Aplicação da UFSC, compartilhadas pelo Polo UFSC, e também experiências de outros polos.

4 O Getty Center é uma instituição cultural e filantrópica dedicada à difusão, conservação e interpretação do patrimônio artístico mundial.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Os primeiros materiais educativos da Midiateca Arte na Escola contaram com a colaboração de professores da rede: cada instituição parceira recebia um conjunto de vídeos para formar a Videoteca do Polo com os respectivos materiais educativos. Em cada polo, a dinâmica de desenvolvimento de ações formativas, a partir desses materiais, era intensa, com ciclos de vídeos, palestras e outras ações para atender às dinâmicas locais.

Em meados de 1990 teve início uma série de evento interinstitucional entre a Universidade Regional de Blumenau (FURB) e a Univille, denominado ***Semana Integrada de Arte-Educação***: cada edição em uma das instituições com respectiva publicação. Posteriormente, a Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac) e a Universidade do Contestado (UnC) integraram a rede e a parceria na realização desse evento, que se ampliou, sendo realizado também nessas instituições. O primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* interinstitucional é desse mesmo período, "Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos de Metodológicos" e pode-se dizer que foi realizado pela identificação dessa demanda formativa a partir da experiência vivida durante as Semanas.

Outra ação importante que motivou a rede e docentes dos polos foi quando Evelyn foi convidada por Paulo Herkenhoff, então curador da XXIV Bienal de São Paulo, a assumir a coordenação do Núcleo de Educação da mostra. A redação dos materiais educativos distribuídos a docentes da rede pública de São Paulo contou com a participação da Rede Arte na Escola.

Na segunda metade da década de 1990 a Fundação Iochpe realizou, com a participação do Comitê Estratégico da Rede, o planejamento das ações, com a intenção de buscar autonomia e sustentabilidade da rede. Foi um período longo e de intenso trabalho, que originou a criação do Instituto Arte na Escola, e, com ele, um novo tempo, graças às possibilidades de novas iniciativas e à ampliação de captação de recursos.

Prêmio Arte na Escola Cidadã, formação do Comitê de Publicação, parceria com a ***Revista Pátio***, criação do site e da central de Cursos Viver Arte, convênio com BNDs, nova ampliação da Rede, lançamento da pasta ***artebr***, lançamento da DVDteca Arte na Escola, Coleção Arte na Escola: O Leitor de Imagens, colaboração com a ***Revista DasArtes***, na seção Arte-Educação-Cultura, parceria com o MEC na distribuição da Caixa DVDteca MEC Arte na Escola para 100 mil escolas com baixo IDEB, apresentações em eventos internacionais, articulação nas discussões, para garantir a obrigatoriedade do ensino de Artes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são algumas das ações realizadas nos anos 2000.

Foto: Acervo/Instituto Arte na Escola

Entre a escola e a exposição de arte

por **Mila Milene Chiovatto**[5]

O Arte na Escola, após alguns anos de sua criação, configurou-se como rede que articula universidades que tinham cursos de formação em artes em diferentes pontos do país, propondo que elas desenvolvessem um diálogo mais próximo com os professores atuantes em sala de aula. Ou seja, que não atuassem apenas junto com os seus alunos, mas sim expandissem sua atuação para o meio social, que envolve a rede pública e privada de ensino.

Aos poucos a Rede Arte na Escola despertou o interesse de mais e mais polos: universidades e outras instituições formativas, que passaram a atuar de maneira articulada. Isso possibilitou a construção de encontros e congressos que congregaram interesse comum da qualificação do ensino em arte.

5 É sócia fundadora do Instituto Arte na Escola e fez parte do conselho da instituição. Foi presidente do CECA-ICOM (Comitê de Educação e Ações Culturais do Conselho Internacional de Museus) e desde 2002 é coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A constante atuação da Rede, que se ampliava e ganhava capilaridade, chamou a atenção do Ministério da Educação, por isso, quando surgiu a necessidade de introduzir os Parâmetros Curriculares Nacionais que ofereciam caminhos para a educação de qualidade em diferentes conteúdos, inclusive em arte, o Instituto Arte na Escola foi convidado a disseminar o documento, organizando e promovendo 20 cursos formativos sobre esse conteúdo em todas as regiões brasileiras.

Escolas na exposição

O reconhecimento de sua incansável atuação também fez com que, em 1997, Evelyn fosse convidada a assumir a direção educativa da XXIV Bienal de São Paulo. Projeto mais uma vez inovador que equiparava em importância a função de construção cultural que a Bienal sempre teve, com sua importância na formação crítica da população a partir do encontro com a arte.

Esse novo desafio foi enfrentado por Evelyn, que retomou seus princípios clássicos: envolver os interessados e apostar na formação docente. Assim, foram chamados profissionais de diferentes frentes de atuação em relação ao ensino de arte, à formação de professores e também à atuação educativa em mostras de arte. Até aquele momento os processos

educativos desenvolvidos na Bienal tinham sido promovidos principalmente por curadores ou historiadores da arte, o que implicava a crença de que a produção artística contemporânea carecia de um conhecimento histórico da arte para ser fruída. Entre os profissionais participantes do Núcleo Educação, destacam-se Luiz Guilherme Vergara, Iveta Borges, Mariazinha Fusari, Anamélia Bueno Buoro, Tarcísio Sapienza, entre outros.

A coordenação geral do Núcleo Educação foi feita por Ana Helena Curti, com assistência de Yara Guarani.

O Núcleo Educação foi assim apresentado:

> A ação cultural e educativa proposta pelo Núcleo Educação desta XXIV Bienal de Arte de São Paulo tem como objetivo facilitar o acesso ao universo da produção artística, especialmente à arte contemporânea, criando condições para que um público diversificado viva experiências significativas ao se relacionar com as obras, expandindo seu conceito de arte. Os professores se destacam dentre esse público como alvos prioritários de nossa atenção, por seu papel na elaboração e difusão do conhecimento de arte [...]
>
> O Núcleo Educação apresenta a experiência com a arte, como processo de leitura e revelação, como um desafio, demandando uma atitude que envolve parar, olhar, sentir e questionar, investigando pistas e procurando decifrar enigmas, invocando uma atitude interrogativa, curiosa, que pode permitir ao indivíduo reconhecer-se como construtor de significados em sua relação com a obra de arte e com o mundo.[6]

A partir dessas prerrogativas, foram feitas também reuniões com professores das redes pública e privada, para conhecer que caminhos possíveis eles enxergavam para a aproximação entre a arte contemporânea e a escola. E dessas profícuas discussões foram estruturados os eixos de ação do Núcleo Educação para a XXIV Bienal, que teve a Antropofagia como tema central.

O eixo de atendimento educativo ao público visitante, naquele momento chamado *Monitorias*, foi responsável por formar educadores para desenvolver as visitas educativas tanto para o público escolar como para

6 Trechos do texto de apresentação da publicação Materiais de Apoio Educativo para o Trabalho do Professor com Arte. Acesso: http://www.24bienal.org.br/edu/abre.htm, último acesso em 20 de junho de 2022.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

o público em geral, sob a minha coordenação e com assistência de Tania Rivitti, além de promover a seleção e formação de 200 jovens interessados em arte e educação, e, posteriormente, coordenou a ação de 150 deles durante a mostra. Também foi propiciado atendimento específico à inclusão de pessoas com deficiência, visitas temáticas, mesas de consulta a catálogos e obras de referência e abertas ao diálogo ao longo do espaço da exposição para o público.

Outro eixo chamado ***Projeto A Educação Pública e a XXIV Bienal de São Paulo*** focou no trabalho e diálogo com as escolas e professores e foi responsável por estabelecer os contatos entre os professores, escolas e a Bienal para prepará-los para a futura visita com os estudantes. Esse eixo estava sob a coordenação de Iveta Maria Borges Ávila Fernandes, com assistência de Silvia Mastrocolla e Maria Grazia Curatolo. Além de cursos de formação, diálogos nas escolas, havia uma sala de atendimento aos professores, a Sala do Professor, com material de pesquisa à disposição e mediadores capazes de sugerir abordagens para tratar da arte contemporânea em sala de aula.

O trabalho contou também com o eixo ***Material de apoio aos professores***, responsável pela construção, edição, produção e distribuição do Material

Educativo da 24ª Bienal, sob coordenação de Tarcísio Sapienza. Elaborado a partir de imagens em tamanho A3 de 20 obras presentes na exposição e textos de redatores do Norte ao Sul do país, o material assumiu um formato inovador, que incluía graficamente a estrutura de hiperlinks digitais. Esse material demonstrou um impacto fundamental na área e ainda hoje é tido como referência na produção de materiais em arte para professores. E, por fim, o eixo ***Bienal on-line***, responsável por fornecer conteúdo digital e alargar o espectro da ação do Núcleo Educação para além de São Paulo, sob coordenação de Maria Cristina Biazus.

A rede e as escolas

A partir dos anos 2000, o Arte na Escola reorganiza-se como Instituto Arte na Escola (IAE), a fim de assumir uma configuração mais estável e sustentável. É também o ano do lançamento do Prêmio Arte na Escola Cidadã, que mapeia e reconhece boas práticas da educação em arte em todo o território nacional.

A rede Arte na Escola, gerida pelo Instituto, amplia sua colaboração com a abertura, na época, de mais de 50 polos em 48 cidades brasileiras, e continua sua missão de construir referências na área em termos de materiais de apoio à prática do(a) professor(a). Como o lançamento da pasta Arte BR, com tiragem de 20.000 unidades e a publicação de títulos referenciais como a Coleção Arte na Escola: o leitor de imagens.

Em virtude da modernização das mídias, a antiga videoteca transforma-se na Midiateca Arte na Escola, com mais de 100 títulos, além disso, caixas da DVDteca MEC/Arte na Escola com 30 DVDs e materiais educacionais são distribuídos a 100.000 escolas de baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

A continuidade do investimento do IAE na produção de recursos e materiais referenciais em arte deu origem ao material Eco Art lançado na Rio+20 e do livro 25: 25 artistas, 25 obras, 25 arte-educadores, 25 leituras,para celebrar os 25 anos do Instituto Arte na Escola. Houve também a doação de 55 gravuras a museus e casas de cultura do Brasil, que contribuíram na formação em arte da sociedade e também na constituição de acervos artísticos.

São 30 anos de uma história contínua e inovadora que apoia o desenvolvimento e a reafirmação da importância educação em arte nas escolas, com atuação constante na produção de materiais, recursos

pedagógicos e publicações referenciais na área, oferta de processos formativos e cursos e reconhecimento de práticas exitosas em educação em arte, por meio de prêmios e bolsas.

Esses três eixos de ação do IAE eram fundamentais para Evelyn Ioschpe, sua fundadora, que sempre que alguma ideia nova era trazida, questionava a todos, ao indagar se a proposta seria efetivamente útil diante da realidade brasileira que conhecia tão bem. Levando em consideração as desigualdades e a falta de condições da educação pública e do(a) professor(a) – que muitas vezes é obrigado(a) a buscar sozinho(a) por oportunidades de formação e materiais para seus alunos –, Evelyn nos perguntava em tom de desafio: "Como esse projeto auxilia o professor de "Muda boi"? O pequeno município de Muda Boi, localizado em Montenegro, no Rio Grande do Sul, servia para nos lembrar de que a realidade precarizada do professorado nos pequenos municípios deveria ser um parâmetro para a avaliação de qualquer projeto. Seu genuíno interesse e dedicação à educação em arte impulsionou a criação do IAE, parte de seu legado inquestionável.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Imagem do projeto ‘África aqui, acolá. África em todo lugar’, vencedor do XIX Prêmio Arte na Escola Cidadã, na categoria Ensino Fundamental I. (Acervo Instituto Arte na Escola)

2 Diálogos sobre a Rede

Provocações sobre redes sociais colaborativas sob a luz da experiência da Rede Arte na Escola

Por **Jaqueline Vasconcellos**[1]

Desde o século 20, o mundo tem passado por uma espécie de crise perpetrada no paradigma dominante. Sua principal consequência incide sobre o pensamento hegemônico que tenderá a ser substituído por outras lógicas e estares sociais.

Para Boaventura de Sousa Santos (2005), "Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica (...) São igualmente diferentes e muito mais complexas as condições sociológicas e psicológicas do nosso perguntar" (Santos, 2005, p. 19). Nossas formas de conhecer estão contaminadas pela crença na ciência como maneira mais válida de conhecimento e na hegemonia eurocêntrica de produção, seja ela filosófica, artística, científica ou sociológica, como as únicas formas pertinentes de fazer/ produzir.

Esse fim de ciclo refere-se também a outro entendimento sobre corpo que está em ação no tempo e com ele se modifica e, por isso, modifica o mundo em seu entorno. São processos presentes nas redes colaborativas compreendidas a partir de sistemas dinâmicos, que se modificam de acordo com as circunstâncias sociais e culturais nas quais estão inseridas e nas quais interferem. No entanto, mesmo lidando com esse tipo de sistema, por vezes, recorremos a tentativas de reprodução de modelos legitimados pelos cânones estabelecidos nos centros globais, no que se refere a produção de conhecimento em cultura, arte e ensino. Estabeleceu-se, em especial na região latino-americana, um não reconhecimento dos conhecimentos produzidos segundo suas próprias construções epistemológicas. Há um estabelecimento de um padrão monocultural, com tempo linear que dita o que é credível e válido no mundo. Temos então estabelecido que, segundo essa lógica hegemônica, o que não é contemporâneo é tudo o que está fora dos centros mundiais de poder e, portanto, é visto como cópia, repetição, desatualização, não válido e previsível. As lógicas de produção na América Latina certamente

1. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e PhD em Dança, pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Coordenadora Geral do Instituto Arte na Escola.

não são as mesmas que as praticadas na Europa ou Estados Unidos, uma vez que temos experiências socioculturais, biológicas, políticas e econômicas muito distintas. Então, por que não agregamos aos estudos científicos sociais conhecimentos específicos que colocam em evidência experiências válidas ocorrentes em nosso ambiente cultural, em vez de estabelecermos como modelos tecnoestéticos o discurso proferido por interlocutores que estão inseridos nessa outra lógica de produção? Uma das respostas possíveis à questão é que estamos vivenciando uma "era pós-colonialista".

Argumento aqui que a formação de uma rede colaborativa em arte-educação, tal qual a Rede Arte na Escola (RAE), em especial nesse formato assumidamente digital, a partir da experiência de isolamento social provocado pela atual pandemia da Covid-19, pode se tornar alternativa real e sustentável para difusão de conhecimentos em uma lógica pós-colonialista.

Os aparatos tecnológicos contribuíram, enquanto ferramenta, para entendermos o que está sendo produzido e o como se conhece nos territórios brasileiros, por meio das experiências desta rede, pois, por meio dos Encontros Regionais realizados neste ano, chegaram a nossos computadores as maneiras de produzir arte, cultura e educação em diversos centros universitários, de diversos estados, vinculados a RAE. Sobretudo, argumento que esse mesmo tipo de ferramenta nos possibilita perceber que há outra lógica de construção emergindo no Brasil. Essa compreensão pode nos levar a outros possíveis entendimentos sobre gestão cultural, educação e autonomia na construção coletiva de redes.

Parto da própria conceituação de rede e da sua adoção social enquanto um termo propositor de uma nova ordem. Em resposta à homogeneização que configura os vários espectros da globalização, estabelece-se uma forma de resistência social baseada no ator-rede, ou seja, indivíduos ou agrupamentos que atuam em causas específicas, não homogêneas, durante certo tempo, mas que junto com outros movimentos similares, configuram outras formas organizativas de poder, baseadas em estruturas não verticalizadas.

Escobar (2004) salienta que o conceito de rede, bem como as metáforas advindas desse conceito: teias, tramas, malhas, está bastante vinculado

às formulações das ciências naturais e biológicas. Essas metáforas não formulam, em sua perspectiva, propriamente nova teoria social. No entanto, o mesmo autor propõe-nos que para haver novo paradigma científico – se referindo a essas mesmas ciências naturais, que perpetuam as formas hegemônicas do conhecer – há que se tomar em conta outras perspectivas que partem do local e do social.

Essas definições são provenientes das ciências biológicas, mas, quando falo de formas organizativas de estruturas sociais, elas delineiam ações bastante diferenciadas de gestão que são articuladas, como a Rede Arte na Escola.

Outra relevante característica de malhas ou de redes é serem constituídas por elementos humanos e não humanos, que articulam meios diferentes e são assim denominadas de acordo com a conexão existente entre os agentes que as compõem. Parece-me pertinente apontar que redes virtuais possuem muitas dessas características descritas, sobretudo quando tratamos da articulação de fatores e elementos distintos.

Os processos de desenvolvimento tecnológico e de propagação das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) configuram importantes fatores que contribuíram com a constituição de redes sociais virtuais, afinal, sem o desenvolvimento tecnológico não seria possível afirmar que esse processo social de mudança de paradigma está se operando em escala global por movimentos locais. O que possibilitou a forte atuação da RAE, em seus polos, nos anos de 2020 e 2021, motivados pelo isolamento social e pandemia global. A busca comum entre esses agentes, nesse espaço, circunda a luta por políticas públicas para a arte, a cultura e a educação.

Ao se relacionarem de acordo com os seus interesses, os membros da RAE estruturam formas alternativas de encontros e trocas de saberes locais, entre seus membros, construíram juntos eventos locais com abrangência nacional e compuseram formas de disseminação dessas informações em rede, por meio dos canais disponibilizados pelo Instituto Arte na Escola, reafirmando a vocação do instituto em ser contra-hegemônico e autônomo. Isso pode haver modificado suas próprias formas de conhecer, potencializando outros saberes no que concerne à autonomia gerada por ações coletivas e outras formas gerenciais, menos verticalizadas.

Motivados pelo imprevisto causado por um fator social, de amplitude global, o uso de estratégias de trabalho em rede, mais especificamente nos anos mais severos do isolamento social, a Rede Arte na Escola pode ter reestruturado suas formas de estar em evidência e atentado aos

seus membros que há possibilidades de abrangência das suas formas de conhecer e produzir conhecimento que, com um uso coletivo das ferramentas digitais disponíveis, podem trazer outras perspectivas de gestão, em um futuro próximo, que a faça mais visível enquanto organismo autônomo e produtor.

O Instituto Arte na Escola, como um nó dessa trama, teve o papel de fomentador dessas ações, mas como em qualquer rede colaborativa, os atores-rede mudam de papéis ao longo do tempo, nós arrefecem e é a consciência e a estruturação de um trabalho propositadamente coletivo que faz a rede avançar.

O que parecia uma inferência utópica das ciências sociais vem mostrando, por meio do trabalho continuado desse agrupamento, que pode se tornar alternativa sustentável de futuro para coletivos que estão em invisibilidade diante da hegemonia.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor García. 2007, **A globalização Imaginada.** São Paulo, Iluminuras.

_____. 2003, **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, USP, 4. ed.

ESCOBAR, Arturo. 2004, "Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências", in SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.), **Conhecimento prudente para uma vida decente.** São Paulo, Cortez, pp. 639-666.

JOHNSON, Steven. 2001, **Cultura da interface.** Rio de Janeiro, Zahar.

MACHADO, A. 2010, **Arte e Mídia.** Rio de Janeiro, Zahar, 3ª. ed.

SANTAELLA, L. 2003, **Culturas e Artes do Pós-humano** – da cultura das mídias a cibercultura. São Paulo, Paulus.

SANTOS, B.S. e MENESES, M.P. (orgs.), **Epistemologias do Sul.** São Paulo, Cortez, pp. 31-67.

Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de colaboração e produção de conhecimento

por **Jacson do Espírito Santo** [2]

Antes de iniciar uma reflexão sobre a criação e constituição das comunidades virtuais, faz-se necessária a percepção histórica sobre a formação das civilizações humanas e a constituição da cultura como forma de manutenção coletiva. As primeiras civilizações eram nômades, pois precisavam se deslocar com frequência para que pudessem garantir a alimento e proteção.

Ao longo dos anos essas organizações foram sofrendo alterações, e esses humanos perceberam, na constituição de grupos, uma maneira de assegurar sua sobrevivência em meio às dificuldades do dia a dia.

Essa organização não pode ser encarada como uma prática espontânea, porém, foi a primeira fase de constituição de comunidades. Para o antropólogo, sociólogo e etnolinguista americano Robert Redfield, a comunidade pode ser compreendida como:

> Um agrupamento distinto de outros agrupamentos humanos, sendo visível onde uma comunidade começa e onde ela acaba; pequena, a ponto de seus limites estarem sempre ao alcance da visão daqueles que a integram; autossuficiente, de modo que atenda a todas às necessidades e ofereça as atividades necessárias para as pessoas que fazem parte dela. Independente dos que estão de fora. (REDFIELD, 1989, p 25).

Logo, essa relação contínua entre corpo e objeto promoveu em várias ocasiões uma construção ideológica influenciada por anseios individuais a cerca do conforto, segurança, sobrevivência e familiaridade. Esse momento de transição do “uu” (e sua individualidade) para a formação do “nós” (e sua formação da família como um núcleo coletivo) instaura uma ligação/interação coletiva, mesmo que motivada por anseios pessoais. Essa aglutinação aproximou e continuará a aproximar os sujeitos de grupos, por meio das similaridades, interesses, desejos, ideias e condições. Esses arranjos de sujeitos e interesses denominamos Comunidade.

2. Doutorando e mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia e especialista em Gestão Cultural (UFBA-FUNDAJ-MINC). Participa de pesquisas no campo da dança, educação, redes colaborativas, políticas culturais/educacionais, artes e tecnologias contemporâneas.

Sobre essa transição e interação o sociólogo Zygmunt Bauman (2003) tece a seguinte reflexão: “pertencer a uma comunidade significa renegar parte de nossa individualidade em nome de uma estrutura montada para satisfazer nossas necessidades de intimidade e da construção de uma “identidade”. Para esclarecer a constituição de comunidades, Bauman contrapõe a ideia de família, ou seja, aqueles que estão imersos nessa coletividade, em relação ao estranho, aqueles que não estão associados àquela comunidade em especial, por causa de suas ideologias e distinções.

A escrita foi uma das formas mais atuantes de disseminar os desejos e laços de constituição das comunidades por diferentes épocas. A comunicação foi a principal ação responsável pela construção e preservação das culturas desses grupos. E cada comunidade elege e se utiliza de uma forma de comunicação em especial. Essa escolha também é responsável pela constituição de uma identidade coletiva. Portanto, é preciso destacar que essa perspectiva de identidade não está relacionada à concepção iluminista da noção de sujeito, no qual é a ele atribuído um estado essencialista, individualista ou de identidade fixa.

Ao partir do princípio de que as identidades são plurais e estão em constante reconfiguração, há um processo contínuo e complexo de sobreposição de identidades, costumes e organizações coletivas. Dois dos fatores que potencializaram essas mudanças foram os avanços tecnológicos e a globalização (HALL, 2000b). As novas tecnologias diversificaram ainda mais as formas de comunicação, interação social e transmissão cultural. As mídias impressas saem do protagonismo, em detrimento das interfaces digitais, entre elas o computador, e todos os setores sociais são influenciados por essas mudanças.

A internet, sem dúvida, apresenta-se como grande divisor de hábitos e de interação. Desde o surgimento da ARPANET[3], em 1969, e a ampliação da internet na década de 1980, instaura-se um processo nunca visto anteriormente entre as comunidades, sendo responsável pela criação de um sistema de redes, que deu início à comunicação digital. A partir dessa configuração multiponto, de natureza descentralizada e distribuída, os núcleos comunitários passam a se organizar e se relacionar de forma interconectada, configurando-se como as primeiras comunidades virtuais.

O conceito de comunidade virtual foi utilizado pela primeira vez em 1993 pelo escritor norte-americano Howard Rheingold, que o definiu como:

3. A Advanced Research Projects Agency Network foi uma rede de computadores construída em 1969 para transmissão de dados militares sigilosos e interligação dos departamentos de pesquisa nos Estados Unidos.

"agregação cultural formada pelo encontro sistemático de um grupo de pessoas no ciberespaço. Este tipo de comunidade é caracterizada pela coatuação de seus participantes, os quais compartilham valores, interesses, metas e posturas de apoio mútuo, através de interações no universo on-line". (RHEINGOLD, 1996).

Palacios (1998) *apud* Sampaio-Ralha (2000) enumera os seguintes elementos como características de comunidades virtuais:

> o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação. (PALACIOS, 1998 apud SAMPAIO-RALHA, 2000)

Os estudos propostos por Pierre Lévy, em 1999, sobre a Cibercultura atribuem às comunidades virtuais como um dos três princípios constitutivos do Ciberespaço, juntamente com a interconexão e a inteligência coletiva. Os conceitos de cibercultura e ciberespaço são temas recorrentes na obra de Lévy.

> O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999)

O próprio Pierre Lévy propõe a substituição do termo comunidade virtual por comunidade atual. Segundo o teórico, o termo comunidade atual "seria a expressão muito mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que comunidade virtual" (LÉVY, 1999). Essa noção de constituição social é importantíssima para entendermos as dinâmicas sociais atuais, suas interações, complexidades e dinâmicas. No ambiente escolar, essas comunidades encontram-se e constituem-se em outras comunidades, com ideais cujos interesses estão relacionados às práticas e às metodologias que possibilitam um processo ensino-aprendizagem.

O conceito de comunidades virtuais e comunidades virtuais de aprendizagem podem ser observados por vários teóricos, com distintas definições ao longo dos anos. Esses hibridismos conceituais são comuns, tendo em vista a recente formação de pesquisas sobre esses novos arranjos sociais, interativos e

tecnológicos. Existem inúmeras ferramentas de construção de comunidades on-line/ virtuais. Uma das potências desses espaços é a possibilidade de se propagarem em diversos níveis sociais, entre várias faixas etárias, de forma permanente ou temporária. A partir do momento em que essas comunidades são estabelecidas/ construídas como um bem comum, com objetivo de produção de conhecimento, se configura aí uma comunidade de aprendizagem. Existem várias proposições para esse novo conceito de comunidades virtuais de aprendizagem. Segundo Passarelli (2003),

> as comunidades virtuais de aprendizagem "foram gestadas no espaço midiático da Internet e representam novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem, tanto no âmbito da educação formal (escolas tradicionais) como no da educação não-formal (educação comunitária, educação para a vida).

Existem pesquisadores que relacionam esse conceito com a construção de um ambiente virtual de redes eletrônicas de comunicação interativa, por meio de um bem comum/ mútuo, com o interesse de uma prática cooperativa. Esses ambientes cooperativos possuem normas e valores distintos, cujas políticas são instituídas pela própria comunidade. Nessas comunidades, o sujeito tem papel importantíssimo na construção de conhecimentos/ saberes.

Segundo Palloff e Pratt (1999), são princípios norteadores na constituição de uma comunidade virtual/on-line de aprendizagem: a honestidade, a correspondência, a pertinência, o respeito, a franqueza e a autonomia. Esses novos ambientes e conceitos parecem potencializar a organização escolar e pedagógica em vigência, em diversos ambientes que se deparam com estruturas desgastadas e práticas educacionais que já não estão de acordo com os avanços tecnológicos e epistemológicos. Um dos grandes desafios das escolas, para além da renovação do pensamento contemporâneo, é a escassez de infraestrutura e políticas públicas específicas para a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação no ambiente escolar.

Há claramente um paradoxo nas estruturas de aprendizagem. Por um lado, há um discurso potente sobre os benefícios tecnológicos na educação, e, por outro lado, uma resistência resultante da formação e da capacitação clássica de gestores, professores e técnicos. Uma frase de Mozart Neves Ramos, doutor em Química pela Unicamp e reitor da Universidade Federal de Pernambuco, repercutiu nacionalmente e retrata um pouco dessa nossa realidade: "Temos uma escola do século 19, um professor do século 20 e um aluno do século 21". Seriam as comunidades virtuais de aprendizagem mais eficientes na prática de construção de conhecimentos que o ambiente tradicional de ensino-aprendizagem? Será que as tecnologias poderiam ser alternativas ao enfrentamento da

defasagem relacional e de aprendizagem das nossas escolas? Será que há uma política pública educacional alinhada e consciente com as demandas sociais? São questionamentos como esses que evidenciam a situação complexa de nossa estrutura educacional.

Os princípios de cooperação entre governo x instituições escolares x comunidade educacional e os demais setores sociais são imprescindíveis para a efetivação de um ambiente que trabalhe a autonomia dos saberes, uma ação não hierarquizante e ambientes democráticos de aprendizagem. As comunidades virtuais de aprendizagem apresentam grande protagonismo, em virtude da potencialização de saberes coletivos via ambientes virtuais que promovem desterritorialização. A busca por um ambiente on-line e de regras comuns também é potente porque dissemina uma política das massas, do coletivo. Cientes dessa condição multidisciplinar que o ambiente virtual possibilita, as escolas e a sociedade devem colaborar ativamente na adaptação e manutenção dessas novas ações no ambiente escolar. As medidas políticas não podem ser protagonistas ou as únicas responsáveis pela dinamização e atualização do processo de aprendizagem.

Afinal, os alunos estão imersos em uma lógica de cultura digital que, em alguns casos, está bem mais estruturada em contextos pessoais que institucionais/educacionais.

É importante ter a consciência de que pensar o coletivo é também pensar o sujeito, suas diversidades e complexidades. Não há como interferir nos processos educacionais sem analisar e refletir, em larga escala, toda a comunidade escolar. Para além das utopias, faz-se necessário um discurso engajado com as transformações sociais em consonância com ações efetivas e reais pautadas nas demandas de cada localidade. É preciso lembrar-nos de que estamos envoltos em uma lógica de pensamento globalizante, mas que as nossas crianças, jovens e adultos habitam lugares com realidades e demandas específicas. É importante também ouvir os artistas, em especial, lembrar do desejo do cantor Gilberto Gil, que também foi ministro da Cultura no Governo Lula (2007-2010), explicitado na canção Pela Internet: “(...) Eu quero entrar na rede / Promover um debate / Juntar via Internet / Um grupo de tietes de Connecticut (...)”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRASIL. **Salto para o Futuro, Debate: Cultura Digital e Escola**, Boletim 10, Brasília: Ministério da Educação, 2010.

HALL, S. **"Quem precisa da identidade?"** IN: Silva, Tomas Tadeu da (Org.), Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000b.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

PALLOFF, R; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REDFIELD, R. **Little community and peasant society and culture.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

SCHLEMMER, E. "Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem". In: Barbosa, R.M. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem.** Porto Alegre: ARTMED, 2005.

Imagem do projeto “Diversidade étnica: brincadeiras, jogos, danças e histórias”, que foi premiado no XVII Prêmio Arte na Escola Cidadã. (Acervo Instituto Arte na Escola)

3 Histórico dos Polos Rede Arte na Escola

Caminhos Formativos da Rede Arte na Escola

por **Micaela Altamirano** e **Pedro Ermel**

Os ***Encontros Regionais da Rede Arte na Escola*** são realizados a cada dois anos, elaborados a partir da escuta dos desejos, questões e inquietações trazidos pelos polos das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil e resultam em uma programação de eventos e ações de formação.

Por meio do Programa de Difusão e Formação Continuada em Arte e Cultura 2021, foram realizados 4 Encontros Regionais, em parceria com os polos da Universidade Federal de Roraima (UFRR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CPS) e da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Desenvolver formas conjuntas de imaginar futuros coletivos, principalmente diante dos desafios impostos ou agravados pela pandemia da Covid-19, foi uma das principais proposições condutoras dos Encontros Regionais de 2021, pois assumimos que a escuta e o diálogo não são apenas ferramentas ou recursos individuais, e sim aspectos colaborativos estruturais e fundamentais para o processo de composição e nutrição das capilaridades da Rede Arte na Escola.

Pela primeira vez, os Encontros Regionais foram promovidos em formato totalmente on-line, diante da necessidade de assegurar os protocolos de controle da pandemia, o que possibilitou uma participação ampliada do público e a facilitação da troca de experiências entre polos de regiões diversas. O formato inédito permitiu também que os eventos abarcassem discussões sobre o ensino e a experiência das linguagens da arte por meio das telas, tema presente no cenário dos últimos anos e um desafio a ser enfrentado coletivamente por estudantes e profissionais do ensino. Esse desafio abarca uma pluralidade de respostas, não só pela diversidade de contextos regionais e educacionais, mas, como nos lembra Paulo Freire, pela processualidade do ato de responder, que admite revisões, testes, alterações, reorganizações.

A programação de cada um dos Encontros Regionais incluiu eventos de formação que contemplaram três tipos de formato: o primeiro, voltado exclusivamente para coordenadoras e coordenadores dos polos, configurou espaços de partilha de ideias, de fortalecimento dos laços entre os pares e de articulação para ações futuras da Rede; o segundo,

voltado exclusivamente para coordenadoras, coordenadores, professoras e professores atuantes nos polos, em que experientes pesquisadoras e pesquisadores colaboradores do IAE abordaram temáticas de interesse da Rede no momento atual; e o terceiro, que abarcou palestras, oficinas e mesas-redondas, ministradas por artistas e pesquisadores com sólidos trabalhos participativos no campo da arte e seu ensino, que contaram com a participação ativa de professoras e professores ligados aos polos, e, ao mesmo tempo, foram transmitidos em modo aberto ao público interessado.

As palestras e oficinas que configuraram o terceiro formato de evento na programação dos Encontros Regionais 2021 foram desenvolvidas simultaneamente em salas virtuais de participação restrita e em transmissões abertas com chat para interação em tempo real. As salas virtuais contaram com a participação de professoras e professores, coordenadoras e coordenadores dos polos, o que propiciou o contato direto com artistas/educadores convidados e, assim, a vivência de proposições pedagógicas e a construção de ambientes de experiências rizomáticas sobre o ensino da arte. As ações desenvolvidas nessas salas foram transmitidas em tempo real pela plataforma de streaming *YouTube*, no canal do Instituto Arte na Escola, formato que garantiu visibilidade à programação dos Encontros Regionais e também viabilizou ampla participação e interação por parte do público, ativando, fortalecendo e amplificando as ações de formação e a atuação em rede.

Nesta segunda parte da publicação *Ações Formativas em Arte e Educação*, convidamos leitoras e leitores a conhecer mais de perto os fios que tecem a trama da Rede Arte na Escola e que se entrelaçaram nos Encontros Regionais 2021. Na seção que se segue, será possível conhecer a atuação dos polos a partir de quem representa cada um desses nós que estruturam e garantem o vigor da Rede: suas coordenadoras e seus coordenadores. Na seção seguinte, apresentamos as sínteses dos eventos que integraram a programação dos Encontros Regionais 2021, com as principais proposições, questões, provocações, referências e elaborações práticas e teóricas trabalhadas nas palestras, oficinas e mesas-redondas conduzidas pelas convidadas e convidados.

Em um momento atravessado por incertezas e instabilidades, que atingem especialmente o cenário da educação no Brasil, a realização dos Encontros Regionais em 2021 emergiu como afirmação da potência da atuação da Rede Arte na Escola e um espaço de encontro e ação conjunta, de troca de saberes e afetividades – um espaço de resistência da arte, da educação e de nossa própria humanidade.

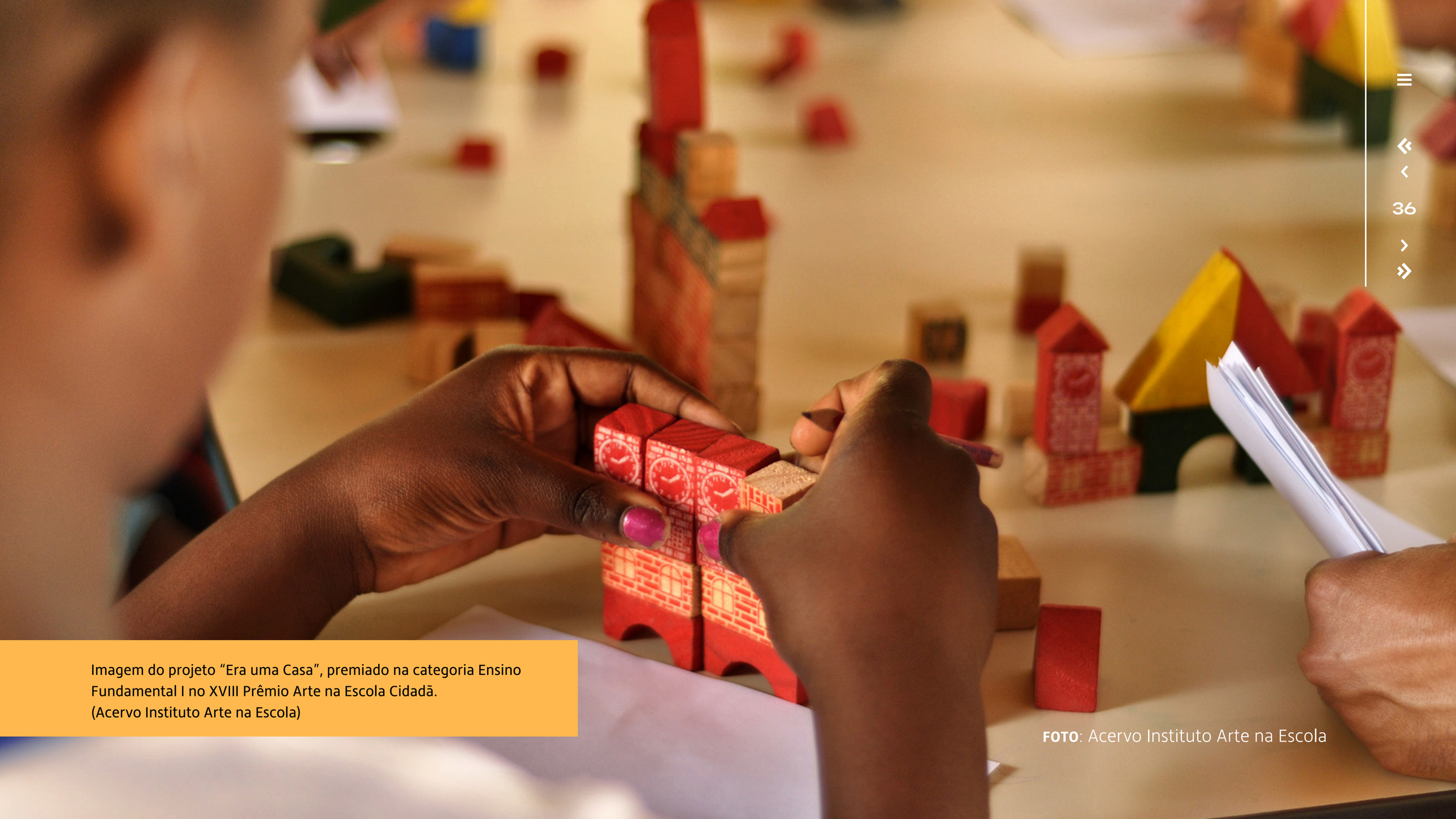


Imagem do projeto “Era uma Casa”, premiado na categoria Ensino Fundamental I no XVIII Prêmio Arte na Escola Cidadã.
(Acervo Instituto Arte na Escola)

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

4 Histórico dos polos da Rede Arte na Escola

Região Norte

POLO UNIFESSPA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (MARABÁ - PA)

por **Alexandre da Silva Santos Filho** e **Amilton Damas de Oliveira**

O início da trajetória do Polo Arte na Escola da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) vincula-se a estas duas iniciativas: o projeto do professor Alexandre da Silva Santos Filho (Alixa) para formação de professores de Arte na rede municipal de Marabá e o curso de Pedagogia do campus de Marabá da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2001, a partir da abertura do Núcleo de Arte-Educação do Sul e Sudeste do Pará (Naessp). A criação do Polo Arte na Escola de Marabá concretizou-se em 2002, como subpolo da UFPA. Com a criação da Unifesspa em 2013, o projeto do curso de Licenciatura em Artes Visuais foi incorporado, e o convênio com o Instituto Arte na Escola, regularizado.

O polo promove reflexões sobre processos de ensino e aprendizagem e oficinas para professores da Educação Básica.

O Instituto de Linguística, Letras e Arte da Unifesspa mantém convênio com a Rede Arte na Escola/IEA desde 2014. O polo teve como coordenadores, inicialmente, os professores Alixa e João Leno; a partir de 2018, a função foi assumida pelo professor Amilton Damas de Oliveira, do curso de Artes Visuais. Sob sua gestão, constituiu-se uma parceria com a Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, de Marabá, para realizar encontros com professores e o público interessado em arte e educação por meio da arte. Além desses encontros, o polo também tem promovido eventos com propostas de reflexão sobre processos de ensino e aprendizagem e oficinas para professores da rede municipal de ensino.

POLO UFAC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE (RIO BRANCO – AC)

por **Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araújo**

O Polo Arte na Escola foi instituído em Rio Branco (AC) em 2005, vinculado à Universidade Federal do Acre (UFAC). Até então, essa universidade não oferecia cursos nas áreas artísticas. A ausência de oferta de formação superior tinha reflexos nas escolas do estado, pois os professores que ministravam a disciplina de Artes vinham de outras formações, principalmente em Língua Portuguesa. Em 2006, teve início a oferta dos cursos de Licenciatura em Música e Licenciatura em Artes Cênicas: Teatro, os únicos cursos superiores de artes no estado até os dias atuais.

A implementação do polo serviu de suporte para reverter a realidade de falta de formação superior em linguagens artísticas no Acre.

O foco das ações do Polo Arte na Escola em Rio Branco tem sido desenvolver formação continuada com professores de Arte que atuam nas escolas da Educação Básica, assim como para professores polivalentes do Ensino Fundamental 1 e da Educação Infantil. Os estudantes de Artes, Letras e Pedagogia também participam das ações oferecidas. O Seminário de Arte e Educação tem sido a atividade de mais abrangência do polo, com cerca de 600 participantes por edição. Muitos são os desafios, mas também foram muitos os avanços nos últimos 20 anos, com professores formados nas áreas artísticas ocupando seus lugares de direito.

POLO UFRR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (BOA VISTA – RR)

por **Francisco Alves Gomes, Anderson dos Santos Paiva** e **Leila Adriana Baptaglin**

Implantado em junho de 2004, o Polo Arte na Escola da Universidade Federal de Roraima (UFRR) foi a primeira iniciativa de formação continuada em Artes no estado. Ele deu origem ao primeiro curso de Licenciatura em Artes Visuais, em 2010, graças à mobilização da comunidade acadêmica e da sociedade local. O polo foi criado como um programa de extensão após convênio celebrado entre a Pró-Reitoria de Extensão (então Proex, atual Prae) e o Instituto Arte na Escola (IAE). Nos primeiros anos de funcionamento, ele contou com a coordenação de professores do curso de Pedagogia e Colégio de Aplicação, como Rosangela Duarte, Luiz Fernando Lazzarin e Pétira Maria Ferreira dos Santos.

As ações formativas foram então desenvolvidas principalmente com a Secretaria de Educação e Desportos (SECD), a Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista (Fetec) e o Museu Integrado de Roraima (MIRR), buscando a qualificação de docentes, a valorização dos artistas locais, o incentivo à arte urbana e a promoção de ações educativas e exposições didáticas para a melhoria do ensino de Arte em Roraima.

Em seus 17 anos de atuação, o Polo Arte na Escola da UFRR é bastante reconhecido pela sociedade roraimense, com mais de 1.200 profissionais e estudantes capacitados.

Atualmente, o Polo Arte está vinculado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, coordenado pelos professores Francisco Alves Gomes, Anderson dos Santos Paiva, Adriana Moreno Rangel e Leila Adriana Baptaglin, que têm promovido uma série de mudanças para aproximar as ações de formação inicial com a formação continuada voltada ao ensino contemporâneo de Arte. Nesse sentido, tem-se buscado a articulação com as políticas institucionais, as demandas emergentes da realidade amazônica e a multiculturalidade do contexto fronteiriço (Brasil, Venezuela e Guiana), marcada pela presença de indígenas, migrantes e refugiados.

POLO ARTE NA ESCOLA UEA – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (MANAUS – AM)

por **Amanda da Silva Pinto** e
Hirlândia Milon Neves – Coordenadoras do Polo

O Polo Arte na Escola da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) foi implementado em 10 de março de 2005. Por sua natureza, o Polo Arte UEA encontra-se instalado na Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT) e conta com o apoio da direção dessa unidade e também da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade.

Em 2012, o Polo Arte UEA contou com o apoio do Centro de Mídias da Secretaria de Estado de Educação (Seduc) para a realização de formação continuada em arte para professores de municípios do Amazonas, com alcance mais efetivo em dez municípios. Também foi realizada formação presencial no município de Itacoatiara, em 2013, e nos municípios de Manacapuru e Careiro Castanho, em 2015.

Outra importante parceria foi a firmada com a Secretaria Municipal de Educação de Manaus, no fim de 2016, para o desenvolvimento de formação continuada com professores de Ensino Fundamental. De 2017 a 2019, foram realizados cinco encontros por ano, no período da manhã e da tarde, com participação média de 15 a 20 professores em cada período. Foram atendidos também professores de áreas da zona rural circunvizinha e professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Com o advento da pandemia da Covid-19, as formações passaram a ser oferecidas via videoconferência e transmitidas pelo canal do Polo Arte UEA no YouTube. Esses encontros tiveram como temática a reinvenção do ensino de arte a partir de tecnologias digitais e de compartilhamento on-line, usando a ferramenta Padlet e a linguagem do podcast. Participaram dos encontros oferecidos 236 professores da capital, do interior e de outros estados.

A participação no encontro regional de 2021 com os coordenadores dos Polos Arte na Escola, realizado on-line, foi muito especial, por proporcionar conexão com toda a equipe do IAE e com todos os coordenadores de nossa região. Um encontro histórico, rico em oportunidades de troca e socialização de experiências de formação.

O Polo Arte UEA desenvolve, a cada fim de ano, os eventos “A arte de quem ensina”, em que são relatadas experiências pedagógicas em arte, e “A arte de quem faz”, em que são apresentadas exposições e performances artísticas do(a) professor(a) como artista. Vale ressaltar a publicação dos resultados das pesquisas do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) em anais de eventos no campo das artes e de ações pedagógicas de professores na extensão em revista da respectiva pró-reitoria da UEA.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Região Nordeste

POLO UFMA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (SÃO LUÍS – MA)

por **Tania Cristina Costa Ribeiro** e **Maria José Lisboa Silva**

O Polo Arte na Escola da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi criado em julho de 2005, em parceria com o Instituto Arte na Escola, para assessorar os sistemas e as redes de ensino na formação continuada de professores da Educação Básica. Atualmente, ligado ao Departamento de Artes Cênicas da universidade, o polo tem um número relevante de alunos de graduação, professores da rede pública, professores formadores e seus coordenadores envolvidos nas propostas de formação inicial e continuada.

Os cursos e as formações priorizaram as linguagens artísticas (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) em diálogo com os Territórios da Arte, com ênfase na cultura local. Trabalhamos com dois eixos pedagógicos: formação continuada em teatro, em que as especificidades da linguagem teatral são pensadas de forma sistemática/ modular, com oficinas nos diferentes níveis de ensino; e o Grupo de Estudos Arte na Escola (GETAE), uma formação paralela, direcionada aos discentes de Licenciatura em Teatro. O GETAE é uma concepção formativa da docência que articula uma política de valorização profissional dos professores às demandas formativas da escola básica, além da vivência pedagógica. Também são oferecidas oficinas para professores da Educação Básica majoritariamente com formação em Pedagogia.

Acreditamos na importância do polo como forte vetor para que o ensino de Arte seja efetivado com competência e qualidade.

Em razão da pandemia da Covid-19, foi preciso repensar metodologias. Graças às tecnologias recentes de videoconferência, os professores puderam participar do IX Fórum de Extensão e I Fórum de Extensão e Cultura da UFMA, com apresentação de trabalhos, e também do Encontro Regional Nordeste do IAE.

POLO UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (TERESINA – PI)

por **Pollyanna Jericó Pinto Coêlho** e **Núbia Suely Canejo Sampaio**

O Polo Arte UFPI foi criado em 2005, sob a coordenação do professor Francisco das Chagas Amorim de Carvalho. Naquele momento, a Rede Arte na Escola comemorava sua expansão nos estados das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. O Acordo de Cooperação Técnica e Apoio Recíproco entre a universidade e o instituto vem sendo renovado desde então. Já estiveram à frente do Polo Arte UFPI os professores Evaldo Santos Oliveira e Carla Teresa da Costa Pedrosa. Desde 2010, as professoras Pollyanna Jericó Pinto Coêlho e Núbia Suely Canejo Sampaio ocupam a função.

Nesses 16 anos, o Polo Arte UFPI conta com o apoio do Departamento de Artes (DEA-CCE-UFPI) na promoção de ações que visam à melhoria do ensino de Arte na Educação Básica. Dentre elas, destaca-se o grupo de formação continuada para professores de Arte, sobretudo de escolas públicas, que promove o estudo e a discussão de temas como ensino de arte, materiais didáticos disponibilizados pelo IAE e produção artística nacional, regional e, em especial, local. Para sistematizar essas ações, foi criado, em 2018, o Núcleo de Estudos em Cultura, Arte e Seu Ensino Contemporâneo – CORE.

Mesmo durante a pandemia da Covid-19, tivemos a participação de muitos artistas que conversaram sobre seu trabalho de forma remota.

As ações formativas estendem-se aos estudantes da Licenciatura em Artes Visuais, pois promovem o estreitamento das relações e a rica troca de experiências entre professores ativos na docência em Arte e estudantes em formação inicial. Além dessas ações, o Polo Arte UFPI divulga o Prêmio Arte na Escola Cidadã e desenvolve periodicamente seminários, colóquios, encontros e cursos.

São exemplos dessas ações: videodebates, com a participação de Vik Muniz, Regina Silveira, Sebastião Salgado, Casa da Flor e Mestre Didi; os encontros Semana Noemia Varela, DMARTECORPOPENSANTE e Encontro Regional RAE 2014; os colóquios Andarilhagens Científicas pelas Artes Visuais e seu Ensino, Poéticas Narrativas Ficcionais nas Teias Interventivas e das Emergências Identitárias, Pesquisa em Educação, Produção Científica em Arte e seu Ensino, Relatos Ecoestéticos; os cursos e oficinas A Caminho do Eldorado, Curso Arte BR, Gravura Dia de Anico, Imagens de Mulheres e Crianças Afrodescendentes, Mobgrafia, a Fotografia de Bolso, Olhares

sobre a Arte na Educação Infantil, Concepções de Ensino de Arte na Educação Escolar; e as exposições Poéticas do Cotidiano Familiar (virtual), Artexpansões: Exercícios de Criatividade; João Borges (em parceria com o SESC), Ecoart, Rococó: Leituras Interativas e Criando nas Trilhas dos Paraísos de Gabriel Archanjo: pretextos visuais reconstrutivos.

Durante a pandemia da Covid-19, as ações foram desenvolvidas remotamente, utilizando tecnologia rizomática, sob a forma de discussões em torno de temas e personalidades da arte piauiense (Afrânio Pessoa, Arquitetura histórica, Fátima Campos, Hostyano Machado, Eulália Pessoa, João Borges, Luzia Amélia, Jota A, Oralimagens, Valdson Braga).

POLO UECE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (FORTALEZA – CE)

por **Edite Colares**

O Polo Arte na Escola é um programa de extensão que vem sendo desenvolvido há mais de 15 anos na Uece. Graças à parceria com o Instituto Arte na Escola, é disponibilizado material pedagógico para pesquisa e vivência artística e educativa na formação de professores de Arte da Educação Básica e de estudantes de Licenciatura e de Pedagogia. Também foram celebradas parcerias com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e a Secretaria Municipal de Cultura de Eusébio, para fortalecer a educação artística no interior do Ceará.

O polo realiza empréstimo de acervo para acadêmicos e professores e disponibiliza materiais didáticos, como vídeos. Dentre os eventos promovidos, mencionamos: o Colóquio sobre Diversidade Cultural e Interculturalidade na Formação de Professores; o curso Ludicidade e Educação; o Encontro com a Luta, os Saberes e Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a Oficina de Danças Tradicionais; a pesquisa de campo sobre danças tradicionais e realização de danças

tradicionais em escolas e espaços educativos pelo grupo de dança do Arte na Escola; o grupo de musicalização, com professores e estudantes universitários; o Grupo de Pesquisa Cultura Brasileira, Educação e Práticas Pedagógicas; a participação no Encontro Nacional da Rede Arte na Escola anualmente e a realização do Encontro Nacional, na Uece, em 2019; a montagem de Pastoril e apresentação em escolas, além da montagem de dança do coco para Carnaval, São João e vivência cultural de manifestações populares na Uece.

Quando as nossas ações presenciais foram impedidas de acontecer por causa da pandemia de Covid-19, fomos tecendo novos percursos que mudaram o formato da nossa tarefa formativa.

No primeiro semestre de 2020, a pandemia de Covid-19 paralisou as ações do polo, inclusive o VI Encontro Internacional sobre Educação Artística, que aconteceria em abril daquele ano. Desde lá, a produção de lives e a gravação de palestras passaram a integrar a tarefa formativa. Está para ser lançado um e-book com reflexões de alguns dos estudiosos que viriam para o VI Encontro, a ser publicado pelo Instituto de Investigação Artes, Design e Sociedade da Universidade do Porto (i2ADS-UP), sob edição dos professores Edite Colares (Uece) e José Carlos de Paiva (UP).

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

POLO UFRN – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (NATAL - RN)

por **Marcos Andruchak** e **Lilian Araújo dos Santos**

O Polo Arte na Escola de Natal (RN) funciona no Departamento de Arte da UFRN e atua há mais de 12 anos na região. Além de oferecer material didático e cursos de formação continuada a professores de Arte do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e a estudantes das licenciaturas em Artes, o polo envolve esse público em ações de produção, extensão e pesquisa.

O envolvimento do polo com ações de produção, extensão e pesquisa reforça o nosso compromisso social com as Instituições Federais de Ensino.

O trabalho desenvolvido considera os novos rumos conceituais e metodológicos do ensino de arte e aprofunda a relação entre a universidade e aqueles que atuam nas redes de ensino do Rio Grande do Norte. Além do atendimento diário ao público, são realizados seminários, oficinas, exposições e ações que reforçam parcerias tanto com unidades internas à UFRN, como o Núcleo de Arte e Cultura (NAC) e o Programa de Pós-graduação em Artes (Profartes), quanto com instituições externas.

Atualmente o polo realiza estudos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e promove rodas de discussões e relatos de experiências. Diante da nova realidade educacional, foram organizados protocolos de biossegurança, inclusão digital e estudos de plataformas e aplicativos para as aulas de Arte.

Região Sudeste e Centro-Oeste

POLO UFG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (GOIÂNIA – GO)

por **Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral** e **Noeli Batista dos Santos**

O Arte na Escola – Polo Goiás é um programa de extensão da Faculdade de Artes Visuais da UFG (FAV-UFG) para oferecer apoio permanente a professoras e professores da Educação Básica das redes municipal, estadual e particular. A parceria com a Rede Arte na Escola começou em 2003, mas o convênio que permitiu a integração da Universidade Federal de Goiás na Rede Arte na Escola foi assinado no dia 11 de novembro de 2014. O projeto teve início com o curso "Arte br", para organizar e implementar ações educativas que utilizavam como principal recurso pedagógico um material homônimo disponibilizado pelo Instituto Arte na Escola (IAE) e pela Fundação Iochpe/SP. Em 2018, o projeto tornou-se um programa de extensão.

No espaço do polo, localizado no prédio do Museu Antropológico, em Goiânia (GO), professoras e professores da Educação Básica podem participar de projetos, cursos e encontros, compartilhar experiências e também utilizar o material disponível no acervo. A Midiateca inclui DVDs sobre arte brasileira e ensino de arte, livros de arte e catálogos.

Algumas experiências, no âmbito da pesquisa e da extensão universitária, vêm sendo desenvolvidas no ambiente digital desde 2012, para refletir sobre as ações de ensino na modalidade de ensino a distância (EaD). São ofertados, semestralmente, temas relacionados ao ensino de arte e/ou cultura visual, com a proposta de estimular a atuação docente em sala de aula, por meio de conteúdos que promovam o pensamento reflexivo e crítico. Trata-se de espaços que promovem possibilidades metodológicas para romper barreiras institucionais hegemônicas e privilegiar um modo de agir que faça convergir, progressivamente, resultados pedagógicos, sociais, políticos, culturais e educativos.

O Polo Arte na Escola desenvolve ações com profissionais da rede municipal de educação de Goiânia e reafirma o papel social da FAV-UFG.

Desde 2013, o polo Arte na Escola vem desenvolvendo ações com profissionais da rede municipal de educação de Goiânia, por meio de uma parceria com a Gerência de Formação (SME). Essas ações conjuntas têm buscado superar a enorme carência de espaços de aprendizagem voltados para a formação continuada de profissionais que atuam na disciplina de Arte na Educação Básica, com a proposta de constituírem lócus de experiências e construção de saberes teóricos, metodológicos e práticos. Esse trabalho está atualmente suspenso em consequência da pandemia de Covid-19.

POLO UFMS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL (CAMPO GRANDE – MS)

por **Simone Rocha Abreu**

O Polo Arte na Escola UFMS vem realizando diversas ações desde sua formação em 2005, por meio da parceria com o Instituto Arte na Escola. O programa busca aprofundar os processos de ensino-aprendizagem de quem cursa graduação em Artes Visuais na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC–UFMS) e mestrado profissional em Artes (UFMS) e promover formação continuada de professoras e professores de Arte das redes públicas municipal e estadual e do setor privado no Mato Grosso do Sul. Portanto, esse programa estabelece relação entre ensino, pesquisa e extensão ao promover relações dialógicas e dialéticas entre discentes universitários e docentes que atuam diretamente nas salas de aula, em diferentes realidades escolares.

Um grupo de estudos formado em 2012 no interior do polo tem se dedicado, nos dois últimos anos, a discussões e reflexões acerca da produção latino-americana em arte e do ensino dela. A leitura de

suportes epistemológicos do sul e voltados para o sul tem colaborado para explorar as epistemodiversidades em arte, cultura e ensino de arte, a fim de descentralizar o paradigma hegemônico europeu no que concerne à produção e ao ensino de arte.

O grupo de estudos ligado ao polo volta sua atenção às questões sociopolíticas e culturais da colonialidade e suas relações de poder imperantes na modernidade.

Várias professoras contribuíram para construir o Polo UFMS, entre as quais Lúcia Montserrat, Maria Celéne Nessimian, Aline Cerutti, Vera Penzo e a atual coordenadora, Simone Abreu.

POLO UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UBERLÂNDIA – MG)

por **Mara Rúbia Colli**

O Arte na Escola Polo UFU surgiu em 2003, fruto do primeiro convênio firmado entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o Instituto Arte na Escola. São 18 anos de memórias, projetos e eventos para firmar a presença da Arte no contexto formativo no município de Uberlândia (MG).

Resgatar a trajetória do polo é lembrar que sua história foi e continua sendo construída por diversas vozes e mãos, ao seguir caminhos afetuosos, da escuta, de trocas significativas, em eventos, encontros regionais e nacionais, reflexões e ações de formação continuada em Arte.

Atualmente coordenado pela professora Mara Rúbia Colli (Eseba-UFU), é um programa vinculado à Diretoria de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC-DIREC-UFU). Seu objetivo é oferecer a docentes de Arte das distintas linguagens (artes visuais, dança, música e teatro) e das distintas redes de ensino (municipal, estadual, federal e particular) formação continuada, em uma perspectiva reflexiva e dialógica, sobre os saberes construídos nas práticas educativas. Além disso, esse programa promove ações pontuais que envolvem estudantes da graduação em Arte e a comunidade em geral.

Entre os projetos desenvolvidos no polo, destacamos o Professor Artista (desde 2011) e o Arte em Fluxo (desde 2020), além do Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte, que, neste ano, chega à sua 21ª edição, com palestras, mesas-redondas, oficinas, minicursos e cursos. Ademais, o corpo docente conta com orientações em projetos de arte, apoio ao centro de formação em Arte do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (Cemepe), ações artísticas expositivas, curadorias e viagens culturais. Todas as pessoas inscritas dispõem de uma biblioteca específica com midiateca, livros, materiais pedagógicos e didáticos. Desse modo, o programa favorece a formação e a autoformação de discentes e docentes, além de promover a valorização e o reconhecimento da Arte como um componente curricular importante para todos.

POLO UENF – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ)

por **Simonne Teixeira e Danuza da Cunha Rangel**

O Polo Regional Arte na Escola – Uenf nasceu do convênio firmado entre a universidade e o Instituto Arte na Escola em 2005, quando ainda não havia cursos de formação superior de arte-educadores no norte/noroeste fluminense. O objetivo do convênio era contribuir com a melhoria da qualidade do ensino de Arte oferecido nessas regiões, sobretudo por meio da atualização permanente dos profissionais da educação que já trabalhavam com arte e cultura nas escolas: pedagogos, animadores culturais, professores em geral, instrutores, entre outros. Desde então, o polo tem sede na Casa de Cultura Villa Maria, no centro da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ).

Dada a ausência de cursos de licenciatura e pós-graduação no campo da Arte na universidade, o polo mostrou grande vocação extensionista, ao promove ações de atualização pedagógica e formação continuada em diversas frentes: organizou grandes eventos, como semanas de Arte e

congressos, cursos, oficinas, workshops; prestou serviços de orientação pedagógica na sede e nas escolas; disponibilizou acervos de livros, periódicos e materiais didáticos, entre outras diversas atividades.

O polo ofereceu aos profissionais da Educação da região a oportunidade de terem mais contato com novos recursos, conceitos, métodos e variadas experiências que contribuem para o desenvolvimento de seus projetos pedagógicos.

Em todo esse tempo de trabalho, as ações do polo alcançaram mais de 10 mil profissionais da educação. Atualmente, as atividades de sensibilização e formação continuada expandiram-se, por meio de redes sociais e ferramentas de comunicação on-line, e alcançaram público de diversas cidades do país. A oportunidade de trocar experiências com arte-educadores do Brasil tem possibilitado uma visão muito mais ampla da diversidade e complexidade que marcam os processos educacionais em Arte nas escolas do país.

POLO UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (JUIZ DE FORA – MG)

por **Olga Egas**

O Polo Arte na Escola UFJF foi inaugurado em 2012, sob coordenação de Olga Egas, da Faculdade de Educação, que já trabalhou com materiais do Instituto Arte na Escola e também elaborou outros tipos de atividades. Desde então, o polo tem buscado estreitar as relações entre ações extensionistas e de pesquisa, a formação docente inicial e continuada, em parceria com a Secretaria de Educação do Município e o IAE.

Ao longo dos últimos sete anos, o projeto de extensão Pensar e fazer arte na escola: projetos e práticas de formação de professores ofereceu cursos semestrais e conversações sobre Arte e Educação, com o objetivo de fazer nascer novas ideias e proposições pedagógicas para o ensino da Arte, ao contemplar o fazer, o apreciar e o refletir sobre ela como produto cultural e histórico.

Os alunos das licenciaturas de Pedagogia e Artes Visuais da UFJF constituem um grupo bastante diversificado. Ainda assim, apresentam algumas

características similares, entre elas: a) faixa etária: há tanto estudantes jovens e recém-saídos da Educação Básica como alunos que retornaram ao ensino formal após uma interrupção do processo formativo; b) situação de estudantes-trabalhadores: conciliam dupla jornada, atuando seja no mercado de trabalho, seja em atividades de monitoria, pesquisa ou extensão na própria universidade; c) oportunidades de contato com a Arte: estudantes que moram em cidades próximas a Juiz de Fora ou que retornam a seus municípios de origem aos fins de semana têm mais dificuldades para usufruir dos aparelhos culturais da cidade; de maneira similar, os professores das redes públicas de educação são muitas vezes impedidos pelas exigências do cotidiano escolar de ter um tempo adequado para conhecer, estudar e fruir as linguagens artísticas.

Diante desse quadro, há que se incentivar o hábito da frequentação, a fim de promover uma docência com mais artisticidade. Até o fim de 2019, participaram dos cursos 57 estudantes das licenciaturas em Artes Visuais e Pedagogia e 118 professores da rede municipal, e isso impactou aproximadamente 3,6 mil alunos na Educação Básica. A suspensão das aulas presenciais, motivada pela pandemia de Covid-19, inviabilizou a continuidade das ações formativas.

Acreditamos que o Projeto Pensar e fazer arte na escola possibilita instigar a inventividade e a sensibilidade, os diálogos interculturais e reflexões sobre a presença da Arte e das múltiplas visualidades na e da escola.

POLO FNM – FACULDADE NOVO MILÊNIO (VILA VELHA – ES)

por **Maria da Penha Fonseca**

O Polo Arte na Escola FNM é um programa de extensão do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade Novo Milênio, realizado desde 2013, em parceria com o Instituto Arte na Escola. Ele está localizado no município de Vila Velha (ES), sob a coordenação da professora Maria da Penha Fonseca.

O polo tem buscado desenvolver ações formativas que visam à aprendizagem entre pares, por meio de espaços de estudos, pesquisa, inovação, imaginação, experimentações e vivências artísticas que envolvam professores de Arte,pedagogos dos sistemas público e privado e graduandos das licenciaturas nas linguagens artísticas e da pedagogia.

Desde o princípio, as formações propostas têm contado com a parceria tanto de professores de Arte que atuam em oficinas e grupos de estudo e pesquisa quanto de espaços expositivos localizados na Região Metropolitana de Vitória, como Palácio Anchieta, Museu de Arte do Espírito Santo (Maes), Centro Cultural Sesc Glória, Museu Vale, para encontros educativos e visitas mediadas. O patrimônio histórico-cultural também é abrangido, por meio de pesquisas e estudos.

No Polo FNM/Arte na Escola, graduandos e professores têm acesso, para empréstimo ou consulta, a um rico acervo composto de referências bibliográficas para Arte e seu Ensino, banco de imagens, materiais educativos e a DVDteca Arte na Escola, que conta com mais de 160 vídeos sobre arte contemporânea brasileira. Os professores e graduandos são integrados virtualmente por meio das redes sociais e de um grupo de mensagens instantâneas, nos quais compartilham experiências, fotos, eventos, lives, artigos, exposições e espaços virtuais de Arte e seu ensino.

Dentre as atividades prejudicadas pela pandemia da Covid-19, está a Imersão Artístico-Cultural, uma viagem a São Paulo para propiciar novos olhares, reflexões e saberes aos integrantes da coordenação do Polo FNM/Arte na Escola.

Entre as ações desenvolvidas nos últimos dois anos, destacam-se: as oficinas Ampliando olhares, saberes e fazeres na Arte, resultado de parcerias com artistas capixabas e espaços artísticos, que oferecem aos envolvidos a experimentação e vivência artística; o Grupo de Estudos e Pesquisa Arte na Escola (GEPAE), que atua pela ampliação do repertório cultural nos cursos de licenciatura em Pedagogia com o Laboratório de Educação Museal (LEM), em uma parceria desenvolvida desde 2018 e suspensa pela pandemia de Covid-19; o curso de Cinema de Animação, realizado como curso de extensão, em 2019, e, no segundo semestre de 2021, como grupo de estudos; Grupo de Estudos Conhecendo a BNCC, com docentes, discentes e professores do sistema público municipal, desenvolvido no decorrer de 2019 e com previsão de retomada em 2022; e o programa on-line Papo Professor Artista, com oito episódios em que convidados especiais conversam sobre as contribuições do processo de criação do professor-artista em suas escolhas e no planejamento de aulas.

POLO UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (BAURU – SP)

por **Eliane Patricia Grandini Serrano** e **Tarcila Lima da Costa**

Originado de um convênio entre a Reitoria da Unesp e o Instituto Arte na Escola, o Polo Arte na Escola de Bauru (SP) atende, desde 2004, professores ligados à Educação Básica pública e privada de Bauru e região. O polo atua principalmente na promoção de atividades teórico-práticas de caráter extensionista dirigidas a professores tanto de Artes quanto não especialistas na área. Dentre as atividades realizadas, destaca-se o grupo de estudos, formado por professores da Educação Básica, docentes e alunos do curso de graduação em Artes Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-Unesp) e alguns colaboradores externos, como docentes de outras universidades. As atividades propostas ao grupo são baseadas no método cartográfico de Deleuze e Guattari, que mobiliza dois conceitos fundamentais: dialogismo e rizoma. Anualmente, são realizados palestras, encontros, rodas de conversa, curadorias educativas, cartografias afetivas, oficinas, visitas técnicas, proposições artísticas, entre outras atividades.

O campus de Bauru oferece a estrutura física e humana para o

desenvolvimento de ações que visam atender às necessidades detectadas ao longo de 17 anos de funcionamento ininterrupto do polo. A falta de formação específica dificulta a atuação por restringir o repertório visual da história da arte e oferecer pouca articulação de conceitos específicos das artes, da estética e da arte-educação. Outros pontos levantados como necessários de aperfeiçoamento são a experiência da criação artística e a familiaridade com linguagens e técnicas da arte.

Em consequência da pandemia da Covid-19, as atividades passaram para o modo remoto. Com isso, o número de participantes, que até 2019 girava em torno de 60 professores, ampliou-se para aproximadamente 180 participantes.

A relevância social do polo repousa na qualificação e interação de professores da Educação Básica, das professoras da Unesp e dos estudantes de Artes Visuais envolvidos. A apropriação dos saberes tem repercussão direta na atuação de todos os participantes.

POLO UNIMONTES – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (MONTES CLAROS – MG)

por **Dilma Marques Silveira Klem**

A Universidade Estadual de Montes Claros estabeleceu convênio com o Instituto Arte na Escola desde o início da formação da Rede Arte na Escola, em 1989, para alinhar-se ao propósito de qualificação do ensino de Arte em sala de aula. O polo constituiu parcerias com a Secretaria Municipal de Educação, com a Universidade Aberta do Brasil (UAB/ Unimontes) e o Programa Residência Pedagógica, que contribuíram com a pró-reitoria de Extensão Cultural em seus projetos e eventos.

As ações do polo, embora sempre voltadas à formação de professores em Arte, são bem diversificadas: encontros com professores da rede básica, oficinas, pesquisa-ação, grupo de estudos, relatos de experiências em eventos, construção de e-books, exposições de artes visuais e apresentações artísticas. A divulgação dos programas, site, lives e materiais educativos do IAE promove o envolvimento de docentes e discentes da educação com reuniões, palestras, workshops e participação em eventos relacionados à educação.

A pandemia trouxe restrições aos encontros presenciais, no entanto, não impediu o intercâmbio e a realização de ações que fomentassem a proposta do artista-pesquisador-professor. Surgiram, assim, proposições de grupo de pesquisa, poéticas, estudos com foco na formação continuada, na interação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) alinhada ao currículo pessoal, na exposição virtual, enfim, em abordagens contemporâneas das práticas pedagógicas nas linguagens artísticas.

Atuamos neste projeto com o desejo de contribuir, de alguma forma, para uma vida melhor, mais afável. A arte faz isto: toca lugares que parecem ser impenetráveis e traz possibilidades de vir a ser.

POLO CPS – CENTRO PAULA SOUZA (SÃO PAULO – SP)

por **Lucília Guerra** e **Durval Mantovaninni**

O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Essa instituição administra 223 escolas técnicas (Etecs) e 73 faculdades de tecnologia (Fatecs), que estão em dezenas de municípios, com mais de 322 mil alunos em diversos cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos.

O CPS tornou-se polo da Rede Arte na Escola em 2011. Para celebrar a assinatura da parceria, a exposição fotográfica Mudando de estação foi inaugurada, com organização dos alunos do curso Técnico em Eventos. A mostra promovia o diálogo entre imagens antigas da Casa de Detenção de São Paulo cedidas por Ronaldo Mazzotto, ex-carcereiro, e registros atuais da Etec, instalada onde antes era o Pavilhão 2 da penitenciária. Também houve uma apresentação de dança contemporânea, realizada pelos alunos do curso Técnico em Dança da Etec anfitriã.

O grande legado deixado por Evelyn Ioschpe, em propostas e ações, aos parceiros do Instituto Arte na Escola reforça a responsabilidade de todos que compõem essa rede em mantê-la e fazê-la avançar.

Desde o começo do projeto, o Polo CPS coopera com as ações do Instituto Arte na Escola, com o Prêmio Arte na Escola Cidadã e com a criação de capacitações e formações docentes em parceria institucional. Lembrar-se dessa trajetória é reforçar a memória do legado das mulheres e professoras que deram corpo à parceria: professora Laura Laganá (diretora-superintendente do Centro Paula Souza), Roseli Alves (na época coordenadora do Instituto Arte na Escola), professora Lucília Guerra (na época diretora da Etec de Artes) e Evelyn Ioschpe, que sempre foi uma inspiração para os professores de Artes e para todos os parceiros do Instituto Arte na Escola.

Atualmente o Polo CPS desenvolve ações de formação continuada para docentes de Artes da base comum (Ensino Médio) e do eixo de Produção Cultural e Design (cursos técnicos). É uma grande satisfação fazer parte desse trabalho de produção continuada, que oferece aos docentes possibilidades de melhoria constante para o ensino de Arte no país.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Região Sul

POLO UNIVILLE – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE (JOINVILLE – SC)

por **Nadja de Carvalho Lamas** e **Alena Rizi Marmo Jahn**

A construção da proposta de formação do Arte na Escola em Santa Catarina ocorreu em 1992, sob coordenação da professora Dora Dutra Bay, na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Naquele ano, além da Udesc, Colégio de Aplicação/UFSC, Fucri (hoje Unesc), Furb e Furj (atual Univille) reuniram-se para pensar e construir o projeto de cada instituição, mas que visasse abrangência mais ampla e convergência de objetivos e ações. Em 1993, efetivou-se o convênio entre essas instituições e a Fundação Iochpe, que deu início formal ao Arte na Escola em Santa Catarina.

Embora a Rede tenha sido pensada coletivamente, cada instituição elaborou seu projeto de polo, conforme suas particularidades.

O Programa Institucional de Extensão Arte na Escola (PIEAE–Univille) tem ênfase nos grupos de estudos, constituídos por professores de Arte dos municípios que formalizaram parcerias por meio das respectivas secretarias de Educação. São eles Joinville (1996), Itapoá (1996), Araquari (2014) e Balneário Barra do Sul (em fase de formalização de convênio). Os encontros com todos os professores vinculados às respectivas secretarias acontecem mensalmente.

PIEAE–-Univille tem na coordenação geral a professora Nadja de Carvalho Lamas e na coordenação pedagógica a professora Alena Rizi Marmo Jahn. Entre suas diversas ações, o polo possui um banco de produções artísticas, preparadas sobre suporte e impermeabilizadas para empréstimo aos professores. Bolsistas desenvolvem a pesquisa sobre a imagem reproduzida, o artista e o estilo. O polo mantém na biblioteca central a DVDTeca Arte na Escola, que possibilita empréstimos e realiza periodicamente ciclos de vídeos com mediação, e também coordena a fase local da avaliação do Prêmio Arte na Escola Cidadã e por duas vezes realizou a avaliação regional.

POLO FURB – UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU (BLUMENAU – SC)

por **Tiago Pereira**

O Programa Institucional Arte na Escola – Polo Furb (Piae) tem sede na Universidade Regional de Blumenau (SC). Esse programa iniciou-sese inicia em 1993, quando foi firmado ose firmou convênio de Cooperação Técnica e Apoio Recíproco com o Instituto Arte na Escola de São Paulo, a fim de integrar a Rede Arte na Escola. Desde o início de suas atividades, o Polo Furb vem fomentando a qualificação de processos educacionais em arte, com o propósito de ser agente de transformação e fonte de referência no ensino da arte, sobretudo mediante a formação continuada. Convênios com as secretarias de Educação dos vários municípios parceiros – dos quais se destacam Indaial e Gaspar, no Vale do Itajaí – possibilitaram a centenas de professores da Educação Básica transitar pelas formações do polo nesses quase 30 anos. As atividades abrangem todas as linguagens do campo da Arte, sendo conduzidas por professores formadores vinculados ao Departamento de Artes da Furb.

Atualmente o programa é formado porse constitui de três projetos vinculados. O projeto Educação Estética e Mediação Cultural com Professores de Educação Básica é voltado à formação continuada de professores da Educação Básica em Artes Visuais e à inserção de ações de extensão, com foco em educação estética e mediação cultural para estudantes de graduação e pós-graduação. Por sua vez, o projeto Corpo Sonoro: Teatro e Música na Formação Continuada do Professor-Artista mobiliza metodologias ativas do campo da Educação Musical e do Teatro-Educação para estimular a percepção e a sensibilidade dos educadores, com o intuito de trabalhar a empatia e a abertura para a inovação nas relações humanas, a fim de fazer uso consciente de proposições didáticas. Por fim, o projeto Arte e Tecnologia: Construindo Redes Sociais Tecnológicas e Artísticas trabalha temas como ensino híbrido, cultura maker, gamificação, curadoria na cultura digital, aprendizagem colaborativa, avaliação, tecnologias digitais, educomunicação, programação e robótica, plataformas adaptativas e aprendizagem baseada em projetos.

O histórico do polo aponta para a consolidação da formação continuada de professores da região, subsidiando pelo viés da Arte e de suas linguagens a prática profissional dos participantes.

POLO UCS – UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (CAXIAS DO SUL – RS)

por **Sinara Maria Boone**

A história do Polo UCS iniciou-se antes mesmo de sua implementação, quando, entre 1989 e 1991, alguns professores da Universidade de Caxias do Sul participaram de uma pesquisa sobre arte e educação, juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Fundação Iochpe. Essa pesquisa chegou a resultados importantes, que fortaleceram as relações e a parceria para a criação e implementação do Projeto/Programa Arte na Escola na Universidade de Caxias do Sul.

Em 1992, o polo foi criado oficialmente, por meio do primeiro convênio da UCS com a Fundação Iochpe/ Instituto Arte na Escola. Ao longo desses quase 30 anos, o Polo UCS contribuiu para o fortalecimento do ensino de Arte nas escolas, ao oferecer conhecimento artístico, formação e atualização para professores e, assim, indiretamente, também para um grande número de estudantes.

O Polo UCS buscou atualizar seus recursos e propostas, por meio de grupos de estudo em arte-educação, divulgação e empréstimo de materiais da Midiateca Arte na Escola, biblioteca atualizada do Campus 8 que disponibiliza à comunidade da UCS imagens, livros, CDs, DVDs, entre outros materiais. O polo também promoveu, ao longo desses anos, diferentes cursos de atualização e extensão universitária e realizou diversos encontros e seminários de arte e educação.

O Polo Arte na Escola da UCS tem trabalhado com a missão de aproximar e manter o vínculo com professores de Arte da região. Em conjunto com a extensão universitária, ele fomenta ações de estudo da arte, para a qualificação de professores e também ações educativas/ pedagógicas.

O projeto contou com a colaboração de diferentes coordenadores desde o início e passou por uma reestruturação interna em 2009/2010, momento em que houve a troca de coordenação. Com isso, ampliou-se a abrangência das divulgações da UCS: foram realizados contatos e

parcerias com secretarias de Ensino e instituições culturais da região; além disso, houve a participação em eventos de arte e educação, como assessoria e encontros com professores locais e regionais, e em encontros regionais e nacionais da Rede IAE.

POLO FUNDARTE – FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO (MONTENEGRO – RS)

por **Sandra Mara Rhoden**

A Fundarte é uma das instituições brasileiras parceiras do Instituto Arte na Escola desde a década de 1990. O Polo Fundarte oferece possibilidades de formação continuada aos professores generalistas e especialistas em Arte atuantes em escolas estaduais, municipais e particulares da Educação Básica em Montenegro (RS). Desde 2013, o polo é coordenado pela professora de Música e Artes Visuais Sandra Rhoden.

As atividades realizadas pelo grupo de estudos estão alicerçadas na reflexão permanente sobre o fazer em sala de aula, com um olhar voltado para a proposição de experiências que sejam significativas para o aluno e a aluna. O Polo Fundarte já foi premiado em duas edições do Prêmio Arte na Escola Cidadã.

As atividades buscam estimular a compreensão e propor práticas educativas que deem oportunidade para um questionamento diante das produções de nosso tempo, provocando outros olhares, conceitos, sentidos e criações.

As atividades desenvolvidas pelo Polo Fundarte são pensadas e planejadas com o objetivo de subsidiar os professores a partir de oficinas desenvolvidas por profissionais voluntários e especialistas em quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, música e teatro.

POLO UFPEL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (PELOTAS – RS)

por **Nádia da Cruz Senna**
e **Carmem Nogueira**

O Projeto Arte na Escola, vinculado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), teve início em 1995, com o compromisso de promover a formação continuada para docentes de Arte em diferentes etapas da Educação Básica. Em função de se localizar em ponto estratégico do sul do Rio Grande do Sul e da fronteira uruguaia, o polo acaba por atender a mais pessoas, incluindo, para além da formação continuada, a formação dos futuros professores de Arte e a da comunidade.

Nossa atuação articula-se com o ensino, a pesquisa e a extensão, ao assumirmos a arte como área de conhecimento, como objeto do saber, fazer, perceber, refletir, criar, criticar. Assim, operamos com todas as dimensões da produção da obra de arte até alcançar sua circulação.

O projeto, que inicialmente era voltado para as demandas do ensino das artes visuais, hoje contempla a diversidade de linguagens artísticas e

o hibridismo dos processos poéticos e educativos contemporâneos. As ações de formação continuada oferecem qualificação aos professores da rede escolar, para que eles possam ingressar em cursos de pós-graduação e melhorar o ensino de Arte. A linha metodológica é integradora, multidisciplinar e aberta às motivações e às demandas dos grupos participantes, em conformidade com concepções que percebem o processo artístico como experiência dinâmica, cognitiva, simbólica e coletiva, e veem a arte contemporânea perpassada por questões relacionadas à ética, à identidade, à memória, à cultura e ao pertencimento. Os participantes têm à disposição as instalações, a estrutura pedagógica e acadêmica do Centro de Artes e o acervo do Projeto Arte na Escola.

A gestão atual investiu em estratégias de aproximação com a escola, por constatar os obstáculos enfrentados pelos professores da rede em acompanhar o Projeto Arte na Escola. Nesse sentido, ao longo do ano, são realizadas visitas às escolas e parcerias para atender às demandas específicas do professor e da professora de Arte e de suas turmas. O trabalho, pensado e realizado em grupo e desenvolvido no próprio espaço da escola, possibilita experimentar ações educativas que articulam a arte com as temáticas sugeridas, tais como arte e natureza, arte para pessoas com deficiência e poesia e letramento, entre outras.

POLO UNIPLAC – UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE (LAGES – SC)

por **Sueli Eisenberg**

O Polo Uniplac iniciou suas atividades em 2004. Embora atue nas linguagens de música e teatro, seu maior foco é em artes visuais, por haver mais público nessa área na formação dos professores.

O perfil dos docentes que participam das atividades do polo é de profissionais das redes públicas e da rede particular. Nos atendimentos, destacaram-se as apresentações de projetos de professores que atuam em sala de aula e de projetos desenvolvidos por acadêmicos em seus estágios. Foram feitas apresentações artísticas de professores, artistas da região e acadêmicos, além de exposições de trabalhos de alunos e grandes projetos, como o de Malinverni Filho e a exposição de Clênio Souza.

Os encontros no polo são espaços para confraternizações entre professores e também para troca de ideias.

Todos os anos são realizadas viagens culturais, para aprofundar o conhecimento in loco. Dentre essas viagens, destacamos a participação em Bienais do Mercosul em Porto Alegre e em São Paulo. Outras viagens foram para Minas Gerais, Argentina, Uruguai e Chile – todas com passeios culturais em museus, galerias de arte e exposições, além de visitas a ateliês de artistas locais, apresentações artísticas e pontos históricos.

A atuação do polo continua com os mesmos objetivos de desenvolver e atualizar o conhecimento do público em eventos. Mesmo no momento de restrição de atividades presenciais, estamos fazendo oficinas virtuais e lives com artistas e professores para promover esses fins.

POLO UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (CRICIÚMA – SC)

por **Silemar Maria de Medeiros da Silva**

O Arte na Escola Polo Unesc tem sede em uma instituição comunitária e se caracteriza pela construção coletiva da formação. A história iniciou-se na década de 1990, ainda com a Fundação Iochpe, mas a parceria se formalizou apenas em 2004, com a assinatura do primeiro convênio entre Unesc e Instituto Arte na Escola. O polo conta com uma coordenadora geral e uma coordenadora pedagógica, além de uma bolsista com dedicação de 20 horas semanais.

Vinculado à extensão universitária, o polo está sempre aberto a diálogos com diversas áreas do conhecimento, e o seu envolvimento maior é com a formação continuada dos professores de Arte. Desde sua criação, houve bom número de inscritos no Prêmio Arte na Escola Cidadã, alguns professores finalistas e dois premiados.

São desenvolvidas pesquisas sobre os conteúdos de artes, o circuito de artes e o acervo do instituto e também pesquisa didática. Além dos editais

do Instituto, há os editais internos da Unesc, com destaque para o projeto de extensão do boi de mamão, desenvolvido em parceria com o Arte na Escola desde 2013. Essas experiências vêm nutrindo reflexões e deram origem a textos publicados para socializar esse aprendizado em rede. São experiências que levam os professores a ampliar seus interesses pela pesquisa e a valorizar cada vez mais a troca de experiências.

A pandemia da Covid-19 exigiu que fossem construídas outras possibilidades para seguirmos adiante sem perder as relações já constituídas e o fortalecimento do coletivo. O contexto favoreceu ricas trocas com setores da instituição que a princípio não eram próximos. Nos encontros on-line, com temas sugeridos pelos professores, as discussões têm girado em torno do planejamento em tempo de pandemia, considerando currículo, conteúdo de arte e avaliação, além do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em nosso trabalho com a BNCC, vamos encontrando os caminhos para melhor defender o direito de meninas e meninos terem acesso ao patrimônio artístico e cultural da humanidade.

POLO UEL - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (LONDRINA - PR)

por **Irene Pellegrino de Oliveira Souza**

Polo da Rede Arte na Escola desde 2004, o Departamento de Arte Visual vem formando inúmeros grupos de estudos e realizando seminários e eventos voltados à formação contínua de professores.

Nos projetos vinculados ao Polo UEL, alunos podem participar como bolsistas e voluntários das ações, sob responsabilidade do professor Danillo Villa, que é chefe da Divisão de Artes Plásticas (DAP) da Casa de Cultura da UEL, vinculada ao Centro de Educação, Comunicação e Artes (Ceca-UEL). Desse modo, nas ações de formação docente em Arte, o polo fomenta a integração de professores das redes de Educação Básica, professores em formação do curso de Artes Visuais e docentes do Departamento de Arte Visual.

Por meio do Polo UEL, foram desenvolvidas diversas ações, entre elas nove edições do Seminário de Arte e Ensino de Londrina, o II Encontro Internacional da Rede Visível (2019), a Jornada Parfor/Arte na Escola –

Integrando territórios: Cartografias da formação e ação docente nas artes (2017, em parceria com a Capes), o Seminário Regional do Programa de Apoio ao Setor Educacional do Mercosul (Pasem) e o encerramento do sistema de Pasantías (2015, em parceria com a Capes).

Em termos de grupos de estudos, foram 21 trabalhos desenvolvidos com professores das redes públicas estadual e municipal de Educação Básica e também, em menor medida, da rede privada. Entre eles, há alguns cursos de curta duração abertos a professores e alunos da graduação, como o de Tecnologia, Imagem e Mediação no Ensino de Arte, ministrado a distância para professores de Arte.

A partir de 2017, optamos por ações dirigidas aos professores em formação do curso de Pedagogia, e os trabalhos envolveram as áreas de Artes Visuais e Música: a) Arte e Música em diálogo: possibilidades para a sala de aula; b) Criação de objetos pedagógicos; c) Integrando territórios das Artes: experiências com sons e imagens para professores em formação – Pedagogia. Outros que podem ser citados são: Construindo metodologias a partir dos DVDs Arte na Escola; Grupo de estudos Rede Arte na Escola: arte e metodologias contemporâneas; Pensar e Fazer Arte: encontros para elaboração de um caderno pedagógico (desenvolvido com Professores PDE).

Infelizmente a pandemia da Covid-19 sobrecarregou os professores de Arte e obrigou-os a mudanças nas atividades. Em função disso, adotamos o acervo da Midiateca como ferramenta para os professores em formação (alunos em preparo para o estágio curricular).

Durante a pandemia, realizamos virtualmente o trabalho de introdução às políticas públicas para a Arte, no qual alunos apoiados por professores foram ministrantes. Recebemos participantes de diversos estados e o resultado foi muito bom!

POLO FEEVALE – FEDERAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR EM NOVO HAMBURGO (NOVO HAMBURGO - RS)

por **Caroline Bertani da Silva**

Há 19 anos a Universidade Feevale mantém parceria com o Instituto Arte na Escola. O polo da Feevale, nos últimos anos, tem adaptado suas ações de acordo com as mudanças e necessidades institucionais, para manter uma rede de apoio à realização dos projetos de professores de Arte e acadêmicos de licenciatura que atuam em escolas na região.

O polo já teve a alegria de ver sete egressos reconhecidos em nível nacional no Prêmio Arte na Escola. Durante esses anos de existência, manteve-se, até o início da pandemia de Covid-19, um grupo de estudos sistemático. Das várias ações realizadas nos anos anteriores, destacam-se os Encontros entre Arte e Educação, Sessões Midiateca, Laboratório do Papel, Hoje é Dia de Arte, Pinacoteca vai à Escola e inúmeras parcerias com espaços culturais da região.

Que novos tempos possam voltar a germinar encontros e trocas.

Desde 2020, apesar das dificuldades, procuramos manter esse vínculo com os professores por meio da divulgação de ações em uma rede social e da indicação de professores para participar do projeto Arte na Quarentena, promovido pelo curso de Artes Visuais da universidade, além de orientar projetos em arte-educação e participar do processo de avaliação do prêmio. O projeto proporciona aos professores momentos de reflexão permanente acerca da prática docente em Arte, visando à transformação dessa realidade e à ampliação do repertório em arte e educação.

Imagem do projeto “Eu Venho do Mundo - Reafirmação das raízes Pankararu no contexto escolar”, vencedor do XVII Prêmio Arte na Escola Cidadã na categoria EJA - Educação de Jovens e Adultos. (Acervo Instituto Arte na Escola)

5 Encontros regionais

Troca de Olhares

Troca de Olhares reuniu a coordenadora de projetos Inaê Coutinho, responsável pela Rede Arte na Escola em 2021, e as coordenações dos Polos Arte na Escola, sediados em cada região do território nacional.

Essa formação, tradicional nos encontros da Rede Arte na Escola, oferece aos participantes a oportunidade de compartilhar vivências, estratégias, projetos e ações desenvolvidas em seus polos. Em prol da partilha para exercício do pensamento crítico, estético e sensível na esfera da Arte e da Educação, os encontros buscam fortalecer os laços entre os pares, vinculando-os seja pelas identidades, seja pelas diferenças.

Em 2021, por meio da apresentação das ações de cada polo e da escuta coletiva, as coordenadoras e os coordenadores tiveram a oportunidade de compartilhar conhecimentos e ampliar seu repertório de ação: desde a condução dos Grupos de Estudos, Grupos de Pesquisa, Seminários e Congressos até as parcerias estabelecidas com os programas de extensão universitária e as secretarias de Educação locais.

Cada polo trouxe temas que se originaram dos encontros, dos quais se destacam: parcerias e programas institucionais (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid e Residência Artístico Pedagógica); arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); metodologias do ensino em Arte; educação continuada; ensino da Arte na Educação Básica; materiais didáticos; ensino de Arte remoto; *lives* formativas; arte contemporânea; arte e tecnologia; arte urbana; desenho; fotografia documental; arte e cultura popular; artes cênicas; teatro de bonecos; cultura mamoneira; projetos de exposições; patrimônio cultural.

Assim, a tessitura da Rede Arte na Escola vê-se, mais uma vez, consolidada, e os nós das tramas regionais que a compõem são revigorados e se fortalecem por meio da escuta e da troca.

Formas de Sustentabilidade em Arte e Educação

Formas de Sustentabilidade em Arte e Educação foi uma das formações especialmente elaboradas pelo Instituto Arte na Escola a pedido da Rede Arte na Escola, no Encontro Nacional 2018, realizado em Fortaleza (CE). Teve como tema a apresentação das formas de articulação de parcerias e captação de recursos para projetos nas áreas da Arte, Cultura e Educação. Foram apresentadas metodologias de processos colaborativos em rede para o desenvolvimento de futuras iniciativas e ferramentas tecnológicas, bem como estratégias e etapas para subsidiá-las.

A coordenadora de projetos do IAE, Jaqueline Vasconcellos, apresentou uma reflexão sobre as bases de um trabalho em rede: suas características, particularidades, benefícios e tensões. Segundo Vasconcellos (2021), o trabalho em rede nunca é um fim em si mesmo, e sim um meio de organização e desenvolvimento de projetos coletivos, no qual a tomada de decisões precisa acontecer de forma colaborativa. Só assim um sistema de trabalho pode se basear na retroalimentação de ideias, de modo que promova as ações e o protagonismo dos integrantes. Vasconcellos apontou a importância de um mapeamento e da elaboração de diagnósticos para a estruturação dos estágios necessários à construção de projetos e possíveis formas de fomento, por meio de fundos e programas ligados às universidades (CNPq, ARC, Pibic) e outras parcerias institucionais (AECID, Goethe Institut, Cultura Inglesa, Sesc etc.).

Só assim um sistema de trabalho pode se basear na retroalimentação de ideias, de modo que promova as ações e o protagonismo dos integrantes.

A captadora de recursos, Chimeni Maia, abordou caminhos, formas e estratégias de obter recursos para projetos culturais. Maia (2021) detalhou as diferenças e especificidades de cada linha de recurso disponível e o modo de apresentação para cada canal de fomento, tais como patrocínio incentivado e direto, editais públicos e privados, fundos públicos, investimento social privado, financiamento coletivo e venda direta de serviços e produtos.

A formação permitiu rever a potência do trabalho em rede como um sistema colaborativo de trocas e de fortalecimento das iniciativas individuais e coletivas, ampliando a convergência dos distintos pontos de vista envolvidos. O compartilhamento de experiência das coordenações dos polos, nas linhas de fomento apresentadas, suscitou reflexões acerca das possibilidades concretas de subsídio para o desenvolvimento de futuros projetos comuns entre os Polos Arte na Escola de cada região.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Formação em Educação Digital em Artes

A *Formação em Educação Digital em Artes* foi elaborada pelo Instituto Arte na Escola após análise da atuação dos polos da rede durante a pandemia da Covid-19.

Essa análise havia indicado a urgente demanda de ampliação de recursos digitais para melhoria do cotidiano profissional do(a)docente, de suas práticas, estratégias pedagógicas e metodologias didáticas. Com vistas à instrumentalização e à reflexão sobre o uso das tecnologias como ferramentas aliadas no processo de ensino-aprendizagem, foi convidado o professor Célio Manfré, formado em Artes Visuais, História e Pedagogia e também Educador Google.

Manfré destacou o papel protagonista das professoras e dos professores de Arte na construção do conhecimento por intermédio de recursos tecnológicos. Ao compartilhar sua experiência com *softwares* e ferramentas digitais, demonstrou, por meio de exercícios práticos, o acesso e o funcionamento dos programas e aplicativos gratuitos da

Google Education, entre eles o Padlet, o Google Classroom, o Google Earth, o Google Arts & Culture, o Jamboard, o Google Photos, o Google Sites e o Google Apresentações.

Os coordenadores e professores participantes dos polos ampliaram a compreensão sobre ferramentas digitais como meios para construção de conhecimentos específicos das artes e saíram da formação com novas ideias e projetos.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Não se esqueça que essa fala poderá ser usada em sua escola! Quem sabe ela pode ajudar sua comunidade escolar a otimizar os recursos tecnológicos que temos à disposição em nossa atualidade?

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

Mapeando 2022/2023

Mapeando 2022/2023 foi o momento tradicional de encerramento dos **Encontros Regionais da Rede Arte na Escola**, no qual a coordenação de projetos, responsável pela Rede Arte na Escola, preparou um território de trocas e projeções futuras para atuação das coordenações dos polos em cada região.

Pela primeira vez em modo virtual, a equipe do Instituto Arte na Escola pautou a formação em quatro protocolos de instruções, baseados nas ações artísticas de Yoko Ono e Brian Eno. A proposta visou à construção de um campo comum de sensibilização poética, expressão e construção de linhas de atuação coletivas.

Inicialmente, por meio de uma prática poética, com foco em sua própria territorialidade, cada participante convidou para a elaboração de uma fotografia de representação identitária, compartilhada com os recursos de imagens da plataforma Padlet[1].

Em seguida, a imaginação de cada um foi ativada para uma visita a um lugar pessoalmente significativo de sua região, um território afetivo que, em virtude da pandemia, não poderia mais ser visitado e que provocava saudades. O compartilhamento oral das características desse território afetivo foi feito utilizando recursos do WhatsApp[2] com alguém de outro polo, estabelecendo um vínculo concreto entre os dois participantes e suscitando a imaginação do(a) destinatário.

Com o relato do(a) colega e seu próprio locus como referência, cada um compartilhou por escrito, no Padlet coletivo, as semelhanças e diferenças observadas entre as regiões e propuseram ações para potencializar seus pontos comuns.

Ao final, foram discutidas e registradas coletivamente possíveis formas de apoio do Instituto Arte na Escola a estas e outras ações dos polos.

1. O Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, hiperlinks) juntamente com outras pessoas.

2 WhatsApp é um aplicativo para troca de mensagens instantâneas (que permite também o compartilhamento de arquivos, imagens, vídeos, áudios etc.), além de chamadas de vídeo e áudio.

FOTO: © Miguel Chikaoka

REGIÃO NORTE

Tramas do contemporâneo na arte da região Norte: pandemia, fraturas e subjetividades

O Encontro Regional da Região Norte, realizado de 3 a 5 de maio de 2021, foi sediado pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). O evento contou com uma série de palestras, debates e oficinas, que aconteceram de forma remota e foram transmitidos pelo canal do Instituto Arte na Escola no YouTube.

Esse Encontro Regional visou aproximar os sujeitos atuantes nos polos, por meio de trocas sobre as práticas de arte-educação na região Norte, território de natureza complexa e riqueza artística.

O encontro buscou fortalecer a atuação coletiva, dando enfoque ao aspecto vertiginoso do contemporâneo na arte nortista. Estiveram reunidos representantes dos municípios de Boa Vista (RR), Manaus (AM), Belém (PA), Marabá (PA), Palmas (TO) e Rio Branco (AC).

Oficina: Brincando com a luz

Convidado: Miguel Chikaoka
Mediação: Profa. Dra. Inaê Coutinho
Síntese do evento: Essa minioficina busca proporcionar aos participantes uma vivência de construção, passo a passo, de uma câmera obscura, utilizando somente as mãos como ferramenta. Permeada por reflexões acerca da natureza da luz, essa vivência convida o público a experimentar o que dela flui. Trata-se de uma oportunidade para compartilhar percepções e reflexões acerca de práticas educativas rizomáticas.

No momento inicial, o convidado apresenta sua reflexão a respeito da inserção da fotografia no contexto da educação como campo que atravessa e é atravessado por diversas áreas do conhecimento, configurando conexões e articulações. Nesse sentido, a confecção da câmera obscura possibilita entender o processo fotográfico e, por conseguinte, explorar a matriz das imagens físicas, que é a própria luz. A proposta convida ao uso do próprio corpo e das mãos como ferramentas, por serem o lugar da vivência do brincar e do crescimento natural do ser humano. Após a apresentação, o público é convidado a compartilhar dois verbos/ ações que podem ser feitos com as mãos – uma habitual e outra não habitual – e uma palavra que comunique como cada um compreende e sente a luz no cotidiano.

Miguel, então, traz algumas imagens para relatar o processo de criação e transformação da proposta de oficina de construção da câmera obscura. Conta que os processos de ensino-aprendizagem com esse dispositivo foram iniciados em meados dos anos 1980. É naquele momento que começa a surgir um modelo e um histórico de procedimentos, que foram se modificando conforme as pessoas participavam e traziam inovações. Para ele, o formato atual é produto de processos de criação de todas as pessoas que participaram das oficinas até hoje.

O convidado destaca que a construção e a interação com a câmera obscura permitem a observação da dinâmica de funcionamento da luz e a reflexão e o compartilhamento de percepções sobre diversos aspectos, como tempo e espaço da luz, suas características e propriedades, seus significados para nós, seres humanos, e as potências/ possibilidades dessa interação, sobretudo no campo da educação. Para ele, em uma atividade prática como essa, conexões e produções ocorrem a partir do fazer e do pensar, com uma potência presente desde o reconhecimento dos materiais: qualquer ponto físico ou ideia emergida é uma porta para caminhos e percursos rizomáticos. A construção da câmera obscura em sala de aula não tem como objetivo ensinar determinado fazer, mas oferecer aos estudantes uma oportunidade de se apropriarem desse fazer para que desenvolvam temas e conhecimentos pertinentes para eles.

Para a realização da proposta, são necessários: 1 folha de papel-cartão ou outro tipo de papel, preferencialmente preto; 1 folha de papel vegetal; 1 pedaço de papel-alumínio ou tampa aluminizada; cola branca; agulha, alfinete ou outro objeto pontiagudo. Miguel sinaliza que é preciso ter atenção à possibilidade de encontrar materiais diferentes desses, mais acessíveis no contexto da escola e capazes de cumprir a mesma função no desenvolvimento da proposta. O contato com os materiais é valorizado como um momento de descoberta do mundo e da origem desses elementos: em qualquer lugar que se esteja, para qualquer direção que se olhe, é possível resgatar a leitura do mundo com perguntas como: O que é aquilo? Para que serve? O que posso fazer com isso? O que posso inventar? Especialmente no trabalho com crianças, cada material pode ser explorado em uma série de propostas de criação, favorecendo a familiarização com esses materiais. Chikaoka acredita que é necessário aprender a aproveitar potências que passam diante de nós cotidianamente, em vez de reclamar que não há condições ou elementos para o desenvolvimento de propostas de ensino-aprendizagem.

Com o início das etapas práticas de construção da câmera – dobras, colagens, medições –, Miguel comenta que a proposta de uso e sensibilização do corpo muitas vezes possibilita aos adultos uma redescoberta, após anos desconectados das capacidades das partes do

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

corpo. Durante o desenvolvimento da oficina, o corpo torna-se fonte de conhecimento, ao explorar, por exemplo, as unidades de medida encontradas nele (palmos, dedos, jardas etc.) e as diferentes proporções de cada câmera, conforme a interação com as características físicas do(a) participante que a construiu. Nesse momento, as professoras Samara Vieira da Silva e Pétira Santos, participantes da oficina, ressaltam a relevância de não depender de determinados materiais, como tesoura e régua, para construir a câmera, considerando a falta de recursos materiais nas escolas.

Ao fim dos procedimentos de construção da câmera obscura, as professoras participantes compartilham suas impressões sobre a experiência e exibem a variedade de tamanhos e detalhes de cada câmera. Miguel ressalta que essas diferenças são totalmente naturais: o importante é haver proporção entre as medidas das partes. Foi o que descobriu após experiências muito menos bem-sucedidas no início de sua trajetória, quando sugeria instrumentos e medidas precisas.

Antes de concluir a oficina, Miguel retoma a questão dos caminhos e processos educativos rizomáticos, destacando as várias possibilidades de percurso propiciadas por um simples encontro. Nesse momento, pede à mediadora que apresente as palavras postadas no chat da transmissão a partir da provocação inicial, para montar um mapa de palavras com o que foi dito pelas pessoas participantes. Para a pergunta sobre o que fazer com as mãos, o público trouxe as palavras: massagear, tocar música, acarinhar, fazer, rasgar, acalentar, sentir, construir, cortar, desenhar, acenar e acolher. Para o questionamento sobre a luz, as palavras foram: ação, claridade, brotar, brilho, oração, imagem, presença, vida e paz.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Palestra/ Oficina: Táticas para o professor–pesquisador–artista em ensino remoto

Convidada: Profa. Dra. Thaise Nardim
Mediação: Profa. Ma. Hirlândia Milon
Síntese do evento: A palestra/oficina consiste na apresentação e experimentação do gênero programa performativo como forma artístico-pedagógica capaz de trabalhar estados qualificados de presença na educação remota mediada por tecnologias digitais. Com base na experiência do projeto "Pequenas performances para isolados: arte do bem para mundos possíveis" e seus desdobramentos, foram propostas reflexões sobre as relações entre as linguagens a que recorremos quando ensinamos, aprendemos e criamos artes, identificando modos de recombiná-las para que nos auxiliem a aproximar a experiência do ensino remoto daquela da sala de aula física.

No momento inicial, a convidada situa três noções presentes no título da palestra/oficina: a de táticas, a de professor–pesquisador–artista e a de ensino remoto.

Tática é uma palavra que vem da cultura militar e foi incorporada pela militância, aplicando-se a ações tomadas diante de uma necessidade iminente, de situações que se impõem. No contexto da proposta, refere-se a ações concretas diante do ensino remoto, táticas para alcançar o aluno e a aluna cujo acesso está dificultado ou alianças táticas para buscar o objetivo, que é a aprendizagem.

A noção de professor–pesquisador–artista propõe olhar para esse trinômio como uma unidade integrada. Segundo Thaise, essa ideia implica que a aula, ou a prática de ensino, seja entendida como uma poiesis artística, uma prática capaz de proporcionar experiência estética ao(à) estudante. Por vezes, um dos três elementos ganha mais relevo, mas eles nunca deixam de estar articulados, influenciando uns aos outros.

A ideia de ensino remoto é prontamente diferenciada do Ensino a Distância (EaD). O EaD é uma prática muito estruturada e organizada: os estudantes optam por ingressar em um curso a distância, planejado com base em diversos modos de interação (síncrona ou assíncrona). Um cenário muito diferente do ensino remoto, que chegou sem transição em função da pandemia de Covid-19, sem que professores pudessem se preparar adequadamente para lecionar e sem que estudantes reunissem as condições adequadas para experienciar os processos de ensino-aprendizagem mediados pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

A palestra/ oficina segue para uma proposta em que as pessoas participantes devem realizar uma série de ações simples no ambiente em que estiverem. Thaise refere-se às ações como "escolhas adaptativas", que podem apenas serem feitas, sem que se pense muito. Enquanto os participantes realizam as ações, ela entoa repetidamente palavras como visível, amalgamar e vínculo. Ao final, a palestrante disponibiliza seu contato telefônico e pede aos participantes que lhe enviem uma mensagem de áudio com suas impressões. As participantes Olga Egas e Luana Amaral, presentes na sala virtual, compartilham o que sentiram ao realizar a experiência.

Thaise explica que essas ações são os chamados programas performativos, elaborados a partir de uma apropriação de proposições do artista Allan Kaprow: por meio de textos, busca-se promover experiências que tenham qualidades poético estéticas e que sejam elas mesmas a proposta artística e/ou a obra de arte. Dado que as proposições são feitas por meio de textos, podem chegar a estudantes por meio de aplicativos de fácil acesso, como o WhatsApp.

Os programas performativos são textos injuntivos – que dão instruções sobre como fazer alguma coisa – e chegaram ao Brasil com a artista Eleonora Fabião. Podem ser comparados, para fins didáticos, com o roteiro teatral, pois atuam como o "enunciado da performance", estipulando ações articuladas e conceitualmente polidas. Embora se pressuponha que os enunciados sejam claros e sucintos, Thaise conta que procura experimentar formatos mais metafóricos, a que chama "poegramas". Nesse sentido, toma como inspiração a "arte de instruções" de Yoko Ono, a qual intersecciona imagens poéticas e ações físicas. Outra referência mencionada é a proposta curatorial Do it, de Hans Ulrich Obrist, em que uma exposição é montada como resultado de instruções dadas por pessoas comuns ou por outros artistas – e que durante a pandemia foi desdobrada na proposta Do it home, em que as propostas eram realizadas em casa. Mais algumas referências são apresentadas: Learning to love you more, de Miranda July, um site com tarefas que as pessoas poderiam realizar e compartilhar com a artista para serem exibidas on-line; e An action a day, de Natalie Loveless, um site com propostas, em texto, de experiências com qualidades estéticas.

Ao discorrer um pouco mais sobre as propostas de Allan Kaprow, Thaise referencia seu artigo "As atividades de Allan Kaprow: artes de agir, obras de viver", publicado em 2011 na Revista-Valise. Ela contextualiza o pensamento do artista, que enxergava no texto o elemento que promove uma função participativa nas atividades, de forma que realizá-las e fazê-las existir de uma maneira que Kaprow considera democrática.

Thaise mobiliza essas ideias em torno da seguinte hipótese: para tempos de contato remoto, de precário acesso à internet, a confecção de programas performativos ou poegramas em formato de texto transmitido por WhatsApp pode ser uma alternativa para congregar arte, ensino e pesquisa. Ela relata, então, algumas experiências em que utilizou aplicativos de mensagens instantâneas como ambiente virtual de aprendizagem (AVA). No projeto "Pequenas performances para isolados: arte do bem para mundos possíveis", são criados três grupos de mensagens com as turmas de estudantes ou pessoas interessadas em participar: um grupo seria o "repositório" de programas performativos, exclusivo para envios das propostas, em que somente o(a) administrador(a) está autorizado(a) a mandar mensagens; o segundo seria um misto de galeria e fórum, em que os participantes partilham as produções resultantes das propostas; o terceiro funcionaria em parte como fórum e em parte como aula síncrona, em que o propositor e a turma de participantes agendam um horário para o acesso e partilham suas impressões por meio de mensagens de áudio ou texto. Neste projeto em específico, foram feitas 30 propostas, durante 30 dias, que privilegiavam a experiência sensível da casa, buscando ajudar as pessoas a se reorientar na relação com esse lugar que estavam habitando de forma tão diversa durante a pandemia.

No encerramento da palestra/ oficina, Thaise comenta que não há receitas diante de possíveis resistências das pessoas participantes, mas sugere manter um tom no diálogo por meio do aplicativo que propicie um ambiente acolhedor. Além disso, as temáticas trazidas nos programas performativos devem se relacionar com o universo da turma. Como possível desdobramento da proposta, sugere que a própria turma escreva os programas performativos e alimente o ambiente de trocas no contexto digital dos aplicativos de trocas de mensagens.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Palestra: Arte e processos criativos na Amazônia

Convidado: Prof. Dr. Orlando Maneschy
Mediação: Prof. Dr. Anderson Paiva
Síntese do evento: A palestra "Arte e processos criativos na Amazônia" visa fomentar, a partir da apresentação de percursos e estratégias desenvolvidas, a reflexão sobre processos criativos tanto na perspectiva do ensino quanto na da pesquisa e da extensão. Para tanto, o convidado propõe pensar a integração de ações e o desenvolvimento de proposições criativas e democráticas.

Orlando Maneschy explica, em sua fala inicial, que pretende trazer a ideia de que, na adversidade, todo mundo pode criar, fazer, inventar e constituir coisas com o que se tem à disposição e sonhar com o que não está ao alcance no momento. Nesse sentido, ele busca apresentar possibilidades de construção de lugares no coletivo e com o coletivo, ao mostrar que em todo fazer existe um sujeito, uma pessoa, um cidadão envolvido e existem desejos moventes que fizeram com que as coisas acontecessem daquela forma. Para subsidiar essa ideia, sua fala estaria dividida em três momentos: uma contextualização sobre como percebe a constituição da região amazônica; em seguida, questões de sua trajetória pessoal que considera relevantes para o percurso traçado; por fim, uma apresentação de projetos e ações criativas em que esteve envolvido junto com muitas vozes. Maneschy também se propôs a observar como a produção de alguns artistas olha, de forma criativa, para a região amazônica: como esses artistas tecem suas leituras de mundo, quais são seus olhares sobre as coisas que nos impactam e nos envolvem. Todas essas criações serão apresentadas como fonte de irradiação de ideias, percursos que ampliam possibilidades e olhares, mais importantes em seu poder transformador que em seus produtos finais.

Primeiramente, Orlando lê um texto autoral que apresenta aspectos da constituição da região amazônica e uma reflexão sobre o potencial criativo dos povos originários que nela vivem. Para ele, é imprescindível abordar as formas de viver e existir na região para falar dos processos criativos ali desenvolvidos, considerando que "a história nos forja e nos propicia o entendimento de quem somos, de onde viemos". Isso implica tratar da multiplicidade étnica que habitou e habita a região, suas percepções e relações simbólicas, mas também dos processos de colonialidade que deixaram marcas em um território historicamente transformado em local de exploração.

Na sequência, o convidado fala um pouco de sua trajetória, especialmente sua ligação com a Universidade Federal do Pará (UFPA), onde ocupou posições diversas e, com isso, pôde perceber as relações sociais e as hierarquias que lá se estabelecem. Por meio dessa experiência, pôde constatar a importância de uma boa gestão para o fomento de ideias inovadoras. Então, expõe sua percepção sobre o caráter periférico e explorado da região amazônica, um dos lugares de maior diversidade no mundo, mas que está fora do centro político e financeiro. Embora ocupe as "bordas", a região pode assumir posição central na perspectiva de quem ali tem sua origem e vê nela uma fonte de força. Nesse sentido, faz-se necessário "des-nortear" a história e os valores importados, encontrar formas de conexão com os processos e desejos que ali são originados e descolonizar o olhar como caminho para a criação.

O palestrante passa, então, a apresentar projetos com os quais esteve envolvido e que considera relevantes na construção de sua visão sobre a arte, especialmente a produzida na região amazônica. Ele destaca sua ligação com a Associação Fotoativa, onde aprendeu a olhar para o mundo com Miguel Chikaoka e seus processos dinâmicos de sensibilização pelo olhar. Em seguida, ele apresenta o trabalho do grupo Caixa de Pandora, nos anos 1990: com a proposta de "abrir a caixa e deixar a criatividade fluir solta", o grupo criou instalações e videoinstalações que exploraram inovações e limites da linguagem da fotografia e do universo das imagens.

A palestra segue para a apresentação de artistas que deflagraram questões importantes. A primeira produção exibida é *Mater Dolorosa II* (1978), de Roberto Evangelista, que, a partir de Manaus, se volta para as matrizes da cultura da região, e é importante referência para se pensar as relações com os povos tradicionais amazônicos. Orlando considera esse trabalho um brado ecológico contra a dizimação dos povos ribeirinhos e ancestrais, fundamental para a reflexão sobre a arte e ecologia no Amazonas e sobre os valores e as referências que podem estar contidas no menor dos elementos (por exemplo, uma cuia). O segundo artista apresentado é Armando Queiroz, com a produção *Midas* (2009), criada a partir de um mergulho nas atividades de garimpo na região de Serra Pelada. Maneschy considera que o artista lança um olhar decolonial para a região amazônica. Ainda que a situação desperte profundo incômodo, essa experiência de contato profundo possibilita mobilizar a criação e propor uma reflexão e uma tradução por meio da arte.

A próxima artista trazida é Paula Sampaio, com o projeto desenvolvido entre as rodovias Transamazônica e Belém-Brasília na década de 1990 e a

produção *Árvore* (2015). Orlando considera que artistas como ela ativam um entendimento de visualidade amazônica, por pensar as matrizes da cultura popular, produções materiais, relações culturais, entre outros aspectos que próximos daquilo que o autor Walter Mignolo chama de "*Aiesthesis* decolonial". Projetos artísticos como o dela, que se tornaram projetos de vida, atuam a serviço da descolonização do olhar, do fomento de um pensamento sobre alteridades, convidando a refletir profundamente sobre nossos lugares. É apresentada, ainda, uma intervenção urbana sem título realizada por Éder Oliveira em 2012, no bairro Marambaia, em Belém, com o retrato de homens da região em situação de suspeição. Para Orlando, essa produção insere-se na discussão sobre identidade e violência simbólica, também a partir de uma perspectiva decolonial.

Mais alguns projetos são apresentados – todos realizados de forma coletiva e viabilizados com o apoio de agências públicas de fomento, e isso inclui alguns fruto de pesquisas acadêmicas. Sobre tais projetos, Orlando destaca que nunca houve distinção entre artistas com carreiras consolidadas e jovens artistas. São eles: *JÁ! Emergências contemporâneas* (2010), *Inscrições videográficas* (2008), *Fotografia contemporânea amazônica* (2016) e *Pará+Vídeo+Arte*. Algumas experiências curatoriais também são comentadas, por desenvolverem atividades conjuntas como exposições, seminários, publicações e rodas de conversa. São elas: *Entorno de operações mentais* (2008); *Projeto correspondência* (2002–2008); *Contrapensamento selvagem* (2011); *Arte Pará 2010; Tripé jambu político* (2011); *Amazônia, lugar da experiência* (2011 e respectiva publicação em 2013); *Experiência vertigem* (2019) e *Arte Pará 2019*.

Na parte final do evento, Orlando responde a algumas perguntas do chat da transmissão no YouTube. Nesse momento, discorre sobre os caminhos para a prática docente a partir de uma perspectiva decolonial: olhar e perceber nossos modos de vida cotidianos e os elementos que nos cercam; valorizar e nos fortalecer no que é nosso, entender as misturas que compõem o contexto amazônico; desenvolver olhar consciente sobre seu próprio sotaque, entendendo que isso constitui sua singularidade; e, finalmente, trabalhar com aquilo que temos ao alcance das próprias mãos.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Mesa-redonda “Afinal de contas, o que é a BNCC?”

Convidados: Prof. Dr. Anderson Paiva, Prof. Dr. Francisco Alves Gomes, Profa. Dra. Jéssica Almeida
Mediação: Profa. Dra. Inaê Coutinho
Síntese do evento: Os debatedores buscaram tratar das potencialidades, desafios e problemas que envolvem a adequação do ensino de Arte aos parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando a tramitação do documento nas esferas de elaboração e aprovação, as especificidades culturais da região Norte e a realidade prática das aulas.

O primeiro convidado a compor a mesa, Francisco Alves Gomes, introduz sua fala com uma inquietação: “O que é a BNCC para nós aqui do Norte?”. Com esse questionamento, ele procura também entender possibilidades de coadunar com questões surgidas no restante do país. Segundo a perspectiva trabalhada no Polo Roraima, o documento deve ser desmistificado, a fim de se considerar a realidade da região Norte do país, pois falta concatenação com o que é o ensino e a formação do(a) professor(a) na área de Arte na região. Nesse sentido, questiona-se se é levado em consideração o imaginário da região. De todo modo, o documento suscita questões permanentes em relação à sala de aula e ao ensino de arte que acabam por interferir diretamente na práxis.

Jéssica Almeida é a segunda a compor a mesa. Ela atenta para o fato de a BNCC ter nascido como um documento a ser desenvolvido de forma coletiva e participativa, mas, infelizmente, sua aprovação apressada silenciou inúmeras contribuições e críticas recebidas de diferentes órgãos, instituições e associações da educação e das artes. O documento ainda abre margem, segundo ela, para uma antiga confusão do ensino de Arte com o termo “educação artística”, justamente quando se entende como conquistas a oferta de cursos de licenciatura específicos para cada linguagem artística e o aprofundamento do debate sobre suas especificidades. Trata-se de conquistas originadas de uma contínua luta contra uma visão limitada e estereotipada da arte no âmbito escolar, que, em muitos casos, é reduzida a peças escolares e a um caráter recreativo.

Ao pensar em sua área de atuação, a convidada busca provocar reflexão sobre como a BNCC pode, por um lado, limitar a compreensão sobre a música no ambiente escolar e, por outro, alargar esse entendimento, principalmente quando se toma o documento na totalidade. Nesse sentido, chama atenção para o que é o trabalho interdisciplinar: um tema em

FOTO: Banco de Imagens AdobeStock

comum, um problema comum, que, para ser discutido e compreendido, necessita dos conhecimentos próprios de várias áreas, que interagem, dialogam e, acima de tudo, se escutam. Essa qualidade de ensino é alcançada quando se criam condições para que os profissionais recebam formação específica e continuada.

Almeida destaca o papel das associações e federações da área do ensino da música, sobretudo os esforços do Fórum Latino-americano de Educação Musical (Fladem) e da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem) no aprofundamento desses estudos e discussões, por meio de ações em nível nacional, regional e local. Ressalta tambéma importância de que a formação oferecida e promovida para os professores em cada estado se preocupe em formar profissionais que façam os conhecimentos da BNCC e de outros documentos dialogar com as realidades escolares, de forma engajada, crítica e criativa, em vez de simplesmente formar repassadores de conteúdos e aplicadores de livros didáticos. Sugere, por fim, que o contexto de crise e desestabilização pode ser propício ao crescimento.

Após essa fala, a mediadora Inaê Coutinho enfatiza que o documento oficial da educação básica foi aprovado da noite para o dia, excluindo uma série de contribuições decorrentes da leitura crítica realizada por vários órgãos apreciadores especializados em ensino.

O terceiro convidado a compor a mesa é Anderson Paiva, que discorre sobre os trabalhos com os quais está envolvido e sua relação com as discussões a respeito da arte na BNCC. Anderson menciona o grupo de estudos Arte na Educação Contemporânea, que ele coordena no âmbito do grupo de pesquisas ARTEFACTO – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte e Tecnologia. Dedicada a compreender a articulação do ensino com a tecnologia no interior da BNCC, essa proposta promove discussões e ações no campo da extensão e da pesquisa voltada para a formação dos professores. Paiva destaca a importância do Polo Arte na articulação com as ações comunitárias, tomando como exemplo debates promovidos acerca do documento curricular de Roraima, os quais contaram com a presença de representantes da Secretaria de Educação do Estado e a participação de professores em formação. Os impactos percebidos e a construção de ferramentas para a atuação dos professores também aparecem entre as preocupações do Polo Arte.

No que diz respeito ao contexto da região Norte, Anderson menciona que a presença de migrantes e indígenas torna ainda mais fundamental a problematização da BNCC no contexto da prática desenvolvida hoje em Roraima. Para isso, as atividades de ensino, pesquisa e extensão devem se movimentar para buscar uma articulação com colegas da gestão pública e de outras áreas, a fim de ampliar a dimensão interdisciplinar das ações e se aproximar da realidade local, fronteiriça, amazônica. O convidado menciona como oportunidade de pensar estratégias para ambientes distintos o Programa Residência Pedagógica – Núcleo Arte, sob sua coordenação, que está presente em três escolas muito diferentes na região.

Anderson afirma acreditar que a BNCC articula bem as dimensões do conhecimento, pois aproxima o(a) aluno(a) do diálogo sobre o pensamento artístico. Para ele, é importante desenvolver um trabalho conjunto com base em práticas que ampliem o repertório artístico e o contato dos estudantes com artistas, que pensem a relação com o território, com outras cosmologias e diversas manifestações culturais, e que articulem a relação arte-ciência-tecnologia. Por meio das ações do Polo Arte e dessa constante discussão, é possível desenvolver caminhos para pensar, em parceria com as secretarias de Educação, a criação de itinerários formativos que considerem a formação continuada de professores. E a extensão, no contexto universitário, pode fortalecer a relação com as escolas e manter uma escuta permanente da comunidade escolar.

Inaê Coutinho comenta que a abordagem tecnicista que caracteriza a BNCC propõe mensurar habilidades que não são mensuráveis. Jéssica Almeida

complementa falando sobre a importância do espaço para criação, que vai além da aprendizagem de elementos constitutivos. Anderson Paiva, por sua vez, diz que o documento passa a impressão de que o professor de Arte deve ser polivalente para exercer suas funções na escola, quando seria preferível que ele assumisse a posição provocativa e desafiadora de um professor pesquisador, artista e inquieto. Isso lhe permitiria lançar um olhar mais alargado sobre a formação do plano do sensível, e não só internamente em cada linguagem. Nesse sentido, falar de artes integradas seria como pensar a interdisciplinaridade na própria arte, pois as linguagens artísticas estão constantemente dialogando: se hoje existe a performance, por exemplo, é justamente porque houve uma hibridização na própria arte.

Ao debaterem o contexto da região Norte, os professores Francisco Alves Gomes e Jéssica Almeida contrapõem a escassez de cursos acadêmicos de formação específica em algumas áreas à existência de alunos que produzem arte a partir de suas próprias vivências e ancestralidade. Com esse cenário em vista, Almeida ressalta a importância da criação e manutenção de redes de apoio e a relevância da articulação política com as secretarias responsáveis. Gomes caracteriza o trabalho na região Norte com a figura do rizoma; no mesmo sentido, Anderson Paiva assinala que a realidade da região é a do trabalho em rede, algo que está refletido no Plano de Ação do Polo Roraima e que se desdobra no contato com outros estados, como Acre e Tocantins.

Encaminhando para o encerramento, Inaê Coutinho salienta que a Rede e o Instituto Arte na Escola se preocupam em ser porta-vozes dessas demandas dos professores por meio dos Polos, dando visibilidade aos trabalhos realizados por seus coordenadores e professores em formação. Cada um dos convidados agradece, e todos enfatizam a importância de uma constante aproximação entre os professores das redes de ensino, a academia e a Rede Arte na Escola.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Mesa-redonda “Arte amazônica: reflexões a partir do norte periférico”

Convidados: Miguel Chikaoka, Profa. Dra. Amanda Pinto (UEA), Prof. Dr. Alixa Santos (Unifesspa), Prof. Dr. Francisco Alves Gomes (UFRR)
Mediação: Profa. Dra. Leila Baptaglin
Síntese do evento: O fotógrafo Miguel Chikaoka inicia a mesa contextualizando sua visão sobre o trabalho com a fotografia. A fotógrafa Regina Alvarez, já falecida, é apontada como sua referência primeira, por ter proporcionado o contato com uma experiência “pré-fotográfica”, a partir do uso de câmeras artesanais, que revelam uma potência anterior ao equipamento fotográfico e à produção da imagem. Em seguida, Chikaoka apresenta algumas produções que nasceram de seu trabalho de pesquisa prática, entre elas o Projeto Urublues, de fotografia pinhole, realizado primeiramente em Belém, em 2004. Programas de fomento como o seminário sobre o Ensino Universitário da Fotografia no Brasil, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1994, foram fundamentais para aproximar profissionais da câmera obscura – o dispositivo que permite experimentar a luz em situação pré-fotográfica.

Miguel Chikaoka explica que o fenômeno da imagem é imanente à luz. Exibe ilustrações de Dairi Paixão sobre o fluxo da luz e a projeção de uma imagem na câmera obscura. Em seguida, mostra a obra Hagakure (2003), de própria autoria, por meio da qual propõe a ideia de furar os olhos para enxergar melhor o mundo, em um paralelo com o pequeno furo das câmeras que permite a entrada da luz no dispositivo. Enquanto exibe registros de exploração, com educadores, de formas de ver a luz, o artista explica seu entendimento da luz como rizomática por natureza. Miguel exibe também relatos e fotos de crianças que vivenciaram algumas de suas propostas, além de registros de um trabalho de produção de pinturas com pigmentos naturais fotossensíveis.

Para ele, nas trocas com professores, o mais importante não é o ensino da fotografia ou a apropriação da técnica, mas a provocação para que sejam criados espaços em que crianças e jovens possam explorar a partir do que os move, construir o aprendizado a partir da sua própria pulsação, enquanto educadores atuam como provocadores ao conduzir os processos. Sugere, então, que os educadores, em vez de atuarem estritamente com os conhecimentos específicos, encontrem, em cada situação, os pontos de entrada nesse rizoma, que são os conhecimentos a serem mobilizados. O trabalho no campo sensorial atua no letramento do mundo. Ao final da fala de Miguel, Leila Baptaglin ressalta a aproximação de seu processo criativo com o contexto amazônico.

Alexandre Santos, mais conhecido pelo apelido e nome artístico Alixa, apresenta seu trabalho com gravura digital, iniciado em 1997, momento em que ele desativou seu ateliê físico e passou a utilizar a mesa gráfica e recursos para desenhar, pintar e fotografar. Alixa conta que a temática principal de suas pesquisas, desde os anos 1980, tem sido a visualidade amazônica em corpos, paisagens e representações, o que se incorporou no trabalho como educador e artista. Desde que se mudou para Marabá, no sudeste do Pará, passou a olhar para os diferentes momentos e elementos das paisagens dos rios Tocantins e Itacaiúnas: elementos articulados da paisagem aos elementos inarticulados, vestígios de presenças que não participam das paisagens originais. Seu maior encanto são as canoas e os barcos, que remetem à sua infância junto ao pai.

Ao apresentar a primeira obra, a pintura do fragmento de um toldo de canoa, que contou com a participação dos pescadores, Alixa explica o uso tradicional dessa superfície como espaço para anúncios publicitários. Com base nisso, propôs aos pescadores que ocupassem esses espaços com elementos da própria identidade. Conforme exibe mais algumas de suas produções, conta que em suas criações busca pensar e repensar modos de relacionar os elementos da composição por meio dos recursos disponíveis para o espaço pictórico digital.

Em seguida, uma produção em que imagens de tapumes encontrados pelas ruas de Marabá foram manipuladas, recortadas e refeitas tematiza a demarcação dos limites dos terrenos na região: os tapumes carregam o simbolismo dos grandes conflitos de terra que ali ocorrem. O desgaste é um elemento importante de sua produção, revelando os elementos tal como naquele instante em que são capturados, muitas vezes desarticulados, não visíveis de imediato. Assim, uma produção pode conferir visibilidade a uma visualidade amazônica que não se revela a um olhar de superfície. Para Leila Baptaglin, o trabalho de Alixa mostra o território como potência artística do Norte do Brasil.

Amanda Pinto traz relatos de sua trajetória artística, a qual considera repleta de variações de estilos de dança e trânsitos entre a educação e a arte nos diferentes grupos e coletivos de que participou. Os primeiros trabalhos apresentados são de sua participação na Companhia Amazonense de Dança, entre 1995 e 2005, em que trabalhou com danças urbanas, jazz dance e danças populares da região. Ela deu sequência a seu trabalho com o jazz na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como auxiliar de direção em um projeto de extensão chamado Pajé Cia. de Dança, que conta com a direção de Jeanne Abreu. Segundo Amanda, a Pajé propõe um viés mais contemporâneo do fazer jazz dance, deslocando-o do campo puramente

técnico e colocando-o em diálogo com outras linhas teóricas trabalhadas no contexto acadêmico. Dentre os registros de espetáculos realizados pela Pajé, exibe os de As novas amazônidas, inspirado no livro de Iraildes Caldas Torres, e Corpo, dor e prazer. Com a pandemia, passou a trabalhar no projeto Enjazzulados, com a Pajé Cia de Dança, uma pesquisa sobre as possibilidades da jazz dance dentro de casa. A artista reitera seu interesse pelo jazz dance em seu viés educativo e sua construção contemporânea.

Amanda trata também de sua participação no Balé Folclórico do Amazonas, que trabalha a dança moderna com temáticas regionais. Lá atuou em espetáculos como O mundo de Yebá (2011) e Causos de Cunhã (2012). Outro trabalho que ela destaca é Dinahí, da Contém Dança Cia., com direção de Francis Baiardi. Ao final da fala de Amanda, Leila Baptaglin comenta a importância de construir e fortalecer uma "rede Amazonas" de conexão e trocas entre as pessoas atuantes no campo da arte.

Em sua participação, Francisco Alves Gomes apresenta trechos de seu texto "Investigações cênicas em Roraima: o corpo em pulsão fragmentada durante a pandemia de covid-19", disponível na revista Txai, da Universidade Federal do Acre (Ufac). Sua inquietação parte do alarme "ESTAMOS EM PANDEMIA", por meio do qual o perigo vem se impondo sobre nós. Diante da teia de questionamentos que geram angústia, diante de toda a morte provocada pelo vírus, Francisco vem praticando exercícios cênicos em casa, com o intuito de racionalizar as inquietações e o medo. Com os questionamentos "Pode a arte combater o medo?" e "O meu corpo é uma estratégia?", busca levar o corpo ao estado de criação.

A primeira produção exibida é Abrace seus espinhos, um exercício performático em que Francisco lança mão da figura do corpo-rizoma para aprofundar reflexões como: "Quão inquietos estamos em tempos de pandemia?" e "Onde me modificarei nesse esquema de arte e vida na pandemia?", convidando à reflexão os artistas do Norte e do Brasil que assistem à transmissão. A produção seguinte é Damurida, um trabalho de investigação que dialoga com essa comida tradicional e sagrada dos povos indígenas, em que o ingrediente principal é a pimenta. Esse elemento pode ser, para ele, a representação do estado de incômodo com a própria vida, como se essas pimentas fossem a representação de todo pensamento ardiloso e o trabalho, um exercício de alteridade, de olhar com ardor a realidade posta. Já em Olhar do chão, busca reposicionar o corpo em ebulição diante da morte distorcida de conhecidos e desconhecidos, além de lançar um olhar para as periferias do corpo negro, que é também um corpo periferizado.

Ao exibir Fios de cansaço, afirma trabalhar a ideia de que estamos entregues à tragédia, a algo que não tem solução; já Rito e cegueira é um exercício de pesquisar, sentir as texturas na mata e entregar-se à criação durante um refúgio nas terras do povo Wapichana, próximo a Boa Vista. Na série Só, pensa na ideia de desmaterialização diante de tantas reuniões virtuais, de tornar-se uma sobra em sua casa; Semeadura é uma busca por um momento de catarse; Poesia da luz vermelha, um estudo sobre como luz e poema se articulam na expressão criativa. Na performance Chamamento de pele, Francisco busca problematizar a negritude e pensar a arte preta em Roraima; e o trabalho em processo Estudos de Macunaíma convoca essa figura emblemática para o povo de Roraima e para a cultura brasileira como um todo; por fim, em Pássaro poesia literatura de Roraima, lê livros e concretiza imagens mentais, por meio da fotoperformance.

Segundo Francisco, as fotografias cênicas propostas nesse "ensaio confessional" são um movimento para tentar compreender como a pandemia tem afetado o corpo e, por conseguinte, os processos de criação artística. As fotos compõem uma estratégia de manter-se vivo, pensante. Elas são uma tentativa de reescrever a narrativa de medo e racionalizar as fraturas interiores. Nesse sentido, o trabalho de todos os professores/ pesquisadores/ artistas é o de incomodar o juízo, a fim de que se crie uma sociedade mais justa, fraterna e libertária.

Após a exposição dos convidados, Leila traz algumas perguntas feitas via chat. A partir das questões propostas, Amanda Pinto comenta o desafio posto a todos os professores acostumados com a experiência tátil ao considerar o espaço bidimensional das telas como sala de aula. Nesse sentido, ela afirma a importância de pensar a ocupação de espaço nas telas e a mobilidade da própria câmera, que também pode "dançar", além de estratégias de ignição verbal. Francisco Alves, por sua vez, ressalta a importância de trabalhar com o que está disponível e de se permitir repensar as práticas ou se deixar surpreender pelo que trazem os próprios alunos. Alixa comenta a experiência positiva de explorar diversos museus do mundo sem sair de casa e a potência de ter um ateliê de arte no computador, com aplicativos gratuitos de edição de imagens, além da possibilidade de criar espaços expositivos virtuais. Fala ainda sobre a importância de "furar os olhos" e construir novos olhares sobre o mundo, reiterando a visão trazida anteriormente por Chikaoka.

Chikaoka tem feito provocações para que as pessoas, utilizando celulares ou câmeras disponíveis, façam trabalhos narrativos do próprio ambiente ao redor, registrando, por exemplo, mudanças de luz e de paisagem desse mesmo local. Outra ação possível são as correspondências visuais, em que pessoas trocam imagens entre si, sem uso de palavras, e, posteriormente, discutem sobre a troca realizada, além de visitas a outras pessoas por

meio das imagens associadas a percursos realizados na plataforma Google Maps. Todas essas ações despertam processos de produção e experimentação e se desdobram nas trocas decorrentes, em um fluxo em que não se aprende sobre a realidade, mas se aprende nela. Nesse sentido, o educador, por exemplo, é um ser que aprende o tempo todo, pois nunca lida com as mesmas coisas, mas sempre com outras pessoas, outros momentos etc.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo? Clique aqui para assistir.

FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

REGIÃO NORDESTE

FOTO: Banco de Imagens Unsplash

Um copo cheio, um corpo vazio: transbordamentos na arte contemporânea nordestina

O Encontro Regional da Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de junho de 2021, foi sediado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O evento contou com uma série de palestras, debates e oficinas, que aconteceram de forma remota e foram transmitidos pelo canal do Instituto Arte na Escola no YouTube.

No mar de incertezas que a pandemia agitou, esse Encontro Regional enveredou sertão adentro para discutir quais são as demandas e as urgências da arte-educação no Nordeste do Brasil.

O encontro visou aproximar os sujeitos atuantes nos polos e convidou também o público a pensar questões relativas ao corpo, ao movimento e aos espaços simbólicos que o(a) professor(a) enfrenta nesse contexto de telas e virtualidades.

As reflexões partem da ideia de um corpo coletivo – alegre e resiliente – nos processos criativos nordestinos. Tal como em uma colcha de retalhos, o encontro reuniu representantes do Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí e Ceará.

Palestra/ oficina: A escuta do corpo – Técnica Klauss Vianna

Convidada: Profa. Dra. Jussara Miller
Mediação: Profa. Dra. Marineide Furtado
Síntese do evento:"Disponibilizar a presença" é o foco da palestra/ oficina ministrada por Jussara Miller. A proposta dessa vivência prática, fundamentada na técnica Klauss Vianna, partiu da escuta do corpo para propor reflexão sobre as sensorialidades do movimento.

Na introdução, são apresentadas as noções que embasam a abordagem. Uma delas é a de educação somática, composta de métodos ou técnicas corporais que partem da percepção e da escuta do corpo em sua integralidade, considerando que cada pessoa não tem um corpo, mas é um corpo. Trata-se, portanto, de uma educação estética e também estésica. Nesse sentido, considera-se que as formas assumidas pelo movimento do corpo são consequência de estados corporais com os quais lidamos todo o tempo, pois estamos em constante transformação.

São apresentados, em seguida, os nove princípios da Técnica Klauss Vianna, dentre eles o da processualidade e o do professor como provocador/ facilitador. Por essa perspectiva, a aula é um espaço de experiência, investigação e criação em processo.

A convidada ressalta que, nesse momento pandêmico, em que corporeidade se torna bidimensional nas telas, temos como desafio ativar a relação tridimensional com o corpo e o espaço. Para tanto, é preciso construir uma conexão real com o corpo presente – atenção a si, ao espaço e ao outro, ainda que dependa de uma mediação tecnológica.

Durante a prática, trabalha-se a percepção do corpo pelo toque, pela "escuta" de si, pelo aguçar dos sentidos. Miller propõe um acordar dos membros e a ativação das articulações, com a exploração de movimentos nos níveis baixo, médio e alto. O público é convidado a criar caminhos de movimentos, explorar a relação com as articulações, com o espaço e com a figura do outro na tela. Assim, as coreografias dos participantes surgem da exploração sensorial do corpo no próprio cotidiano.

Na finalização, a convidada destaca que "o corpo é do movimento, não é da pausa" e sugere a professoras e professores que partam da experiência de alunas e alunos para conduzir a experiência de escuta do corpo. Ressalta também que o trabalho começa em nós mesmos, convidando o público a refletir sobre como podemos provocar o outro a partir da provocação de si.

FOTO: Imagem do projeto "Experimentações em arte: a Performance como meio de autoinvestigação das identidades para além do corpo", vencedor do XVIII Prêmio Arte na Escola Cidadã, na categoria Ensino Médio. (Acervo Instituto Arte na Escola)

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Palestra/oficina: “Teatro em pedaços”

Convidada: Profa. Dra. Lelê Ancona
Mediação: Profa. Lilian Santos
Síntese do evento: Essa oficina trabalha com propostas teatrais que requerem olhar ampliado para as diferentes partes do nosso corpo. A exploração expressiva das partes permite percebê-las de novas maneiras, de forma a aumentar a potência das relações criadas e estabelecidas na integração com o corpo. A motivação da oficina é a condição da virtualidade no cotidiano, pois a vivência das telas nos “corta em pedaços” ao exibir, com frequência, somente algumas partes do nosso corpo nas câmeras. A proposta estrutura-se tanto para o ensino virtual de teatro quanto para o presencial, pois o enfoque nas partes pode ser feito com outros recursos, como os de iluminação.

A oficina inicia com um convite aos participantes para que encontrem, no corpo e no ambiente ao redor, os “vazios” que podem atuar como espaços de ampliação da presença. Imagens de corpos dançando são exibidas para que o público observe as formas, os detalhes e os espaços que elas trazem.

A primeira criação de cena tem como estímulo um áudio, que narra uma sequência de acontecimentos, os quais devem ser improvisadamente encenados somente pelas mãos dos participantes. Ao fim dessa prática, a convidada ressalta as diferentes soluções de cada participante para improvisar as mesmas ações.

No segundo exercício cênico, cada participante escolhe um verso da canção “Sinal fechado”, de Paulinho da Viola, para desenvolver um trabalho focado na expressividade da voz. Inicialmente cada um experimenta diferentes entonações para o verso escolhido, depois, diferentes volumes e ritmos e, por fim, diferentes formas de exibir partes do corpo diante da câmera durante a fala. Ancona destaca a importância de se apropriar do texto, mais que decorar. Além disso, contraindica que professores realizem o exercício com os alunos, pois não há necessidade de referências ou modelos de certo ou errado.

A convidada argumenta que a oficina prática pode proporcionar uma sensação de mais proximidade entre os participantes. Além disso, o trabalho com partes do corpo facilita o envolvimento dos alunos, principalmente os mais tímidos, considerando que o formato virtual aumenta a sensação de exposição. Assim, essas escolhas na tela tornam possível um trabalho teatral com acolhimento, de modo que os alunos e as alunas se sintam seguros e amparados no ambiente virtual.

Para finalizar, são exibidas imagens de elementos cotidianos sugeridas o como recurso para interferir no espaço e, assim, criar condições para ampliar as possibilidades da relação do corpo com o ambiente e com o outro. Caixas de papelão, tecidos, linhas também podem atuar como estímulos para os alunos e as alunas encontrarem diferentes maneiras de se fazerem presentes e ocuparem os espaços. Lelê Ancona encerra o evento chamando a atenção para o entendimento do teatro como chance de incorporar as possibilidades expressivas na própria vida.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Palestra: “Arte ▪ Arquitetura ▪ Paisagem: até onde vai a arte?”

Convidado: Agnaldo Farias
Mediação: Profa. Dra. Inaê Coutinho e Prof. Dr. Marcos Andruchak
Síntese do evento: Arte é igual e semelhante à arquitetura, que é igual e semelhante à paisagem. Existe limite para a arte? Essa é a pergunta disparadora da palestra do convidado Agnaldo Farias, que apresenta e analisa as condições de criação de produções de diversos artistas contemporâneos.

Agnaldo aponta para o fato de que os trabalhos não estão no espaço, e sim produzem o espaço; portanto, podemos dizer que o espaço se constrói na relação. Partindo das palavras do artista Robert Smithson, o convidado argumenta contra a ideia de uma arte como embelezamento, contrapondo a ela uma arte que cria momentos de suspensão, nos quais o cotidiano abre um parênteses, e coisas diferentes acontecem.

São apresentadas produções de Isamu Noguchi, Alicja Kwade, Robert Smithson, Alberto Burri, Peter Eisenman, Cai Yongjie, Emilio Ambasz, Christo e Jeanne-Claude, Maya Lin, Ugo Rondinone, Carmela Gross, José Rufino,

Olafur Eliasson, Chris Burden, Urs Fischer, Tara Donovan, Ai Weiwei com Herzog e De Meuron, Guto Lacaz, Hans Schabus, Arthur Lescher, Hector Zamora, Rirkrit Tiravanija, Bené Fonteles, Do Ho Suh e Monika Sosnowska. Ao abordar esses trabalhos, o palestrante destaca que os artistas nos fazem perguntas sem a necessidade de serem respondidas, e, assim, acendem nossa curiosidade e sensibilidade. Para ele, "o enigma tem uma beleza que fica pulsando, e nele cabem infinitas respostas".

Como o ensino no Brasil segue uma visão muito pragmática, nosso olhar sobre o mundo fica empobrecido. Diante disso, a experiência com as diferentes materialidades é fecunda e deveria ser estimulada nas escolas, oferecendo a oportunidade de estabelecer uma relação quase alquímica com o mundo, por meio da qual nos percebemos como extensão dele.

Farias comenta as camadas de história e memória escondidas sob as construções que se sobrepõem ou destroem o que ali antes existia. Ele afirma que uma parte de nós está na arquitetura, está no chão em que caminhamos. Nós estamos nesses lugares, nos escoramos em fatos físicos, por isso, como diz a artista Monika Sosnowska, é preciso saber do perigo ao "massacrarmos uma arquitetura com outra arquitetura".

A palestra encerra-se com uma síntese sobre o trabalho desses artistas que, de maneira particular, surpreendente e inaudita, tocam em aspectos fundamentais de nossa sensibilidade. Tais aspectos são políticos, pois toda arte traz, em si, uma questão política – afinal de contas, somos aquilo que pensamos, que expressamos, que falamos. Para Farias, esses artistas mostram-nos quão amplo e variado é o universo da arte e como ele pode tocar questões essenciais de nossas vidas.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

REGIÕES SUDESTE E CENTRO-OESTE

FOTO: Banco de Imagens Unsplash

Arte e tecnologia: teoria e prática na geração de conhecimento

O Encontro Regional das regiões Sudeste e Centro-Oeste, realizado de 23 a 25 de junho de 2021, foi sediado pelo Centro Paula Souza (CPS). Esse evento contou com uma série de palestras, debates e oficinas, que aconteceram de forma remota e foram transmitidos pelo canal do Instituto Arte na Escola no YouTube .

O forte vínculo entre arte e tecnologia é a linha que costurou esse encontro, - pois é preciso reinventar as formas de estudar e trabalhar com arte. No encontro, foram discutidas essas reinvenções – que têm a tecnologia como parte intrínseca –, direcionando o olhar para as abordagens da arte-educação nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Arte e tecnologia sempre caminharam juntas, uma amparando e elevando a outra. Desde a pintura rupestre, trata-se de uma aliança indissociável, por isso esse encontro convidou os sujeitos atuantes nos polos a refletirem sobre essa aproximação e abriu parte da programação para que o público participasse desse mergulho.

Palestra/oficina:
Artes da cena: experiências criativas e multidisciplinares nos meios digitais

Convidados: Profa. Dra. Lígia Cortez, Prof. Dr. Marcos Barbosa, Profa. Dra. Karina Almeida e Profa. Ms. Joana Dória (equipe do Célia Helena Centro de Artes e Educação)
Mediação: Prof. Durval de Campos Mantovaninni Junior
Síntese do evento: A palestra/ oficina tem como proposta compartilhar as ações artístico-pedagógicas on-line pela Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), considerando os diálogos estabelecidos entre arte e tecnologia para uma abordagem de procedimentos criativos. Essas experiências possibilitaram o desenvolvimento de estratégias de ensino-aprendizagem baseadas na percepção e compreensão das necessidades desses ambientes digitais na sociedade contemporânea, ao promover a elaboração de pensamento crítico, conceitual e artístico.

A professora Lígia Cortez aponta que as experiências desenvolvidas durante a pandemia de Covid-19 foram criadas em consonância com a percepção da atriz e fundadora Célia Helena sobre a importância e o valor da formação do(a) professor(a). Ela relata uma experiência ocorrida em um programa de intercâmbio em parceria com uma escola russa. Nela, escolas de diferentes países montaram espetáculos a partir da mesma dramaturgia, o texto Mãe Coragem, de Bertolt Brecht. Tal proposta foi inspiradora para o desenvolvimento de uma linha de trabalho com jovens e crianças que propicia um campo de trocas on-line acerca dessas criações. A quantidade de visões diferentes manifestadas na criação, a partir de uma mesma ideia, é uma atividade que pode ser realizada em diversos formatos, seja em ambiente digital ou presencial.

Marcos Barbosa traz duas ações digitais que aconteceram fora do contexto propriamente disciplinar: a plataforma Célia Helena Digital, que promove o acesso à produção de conteúdo e ao acervo da escola no ambiente on-line, e o projeto de pesquisa "O teatro que vem", cuja proposta é refletir sobre o teatro que se espera para o futuro e publicar conteúdos em formato podcast. Marcos ressalta que, desde a chegada da pandemia, é impossível desconsiderar um espaço virtual de produção, construção de acervo e troca.

O formato podcast é muito dinâmico, aberto para ações criativas e muito disponível do ponto de vista de acesso tecnológico. O trabalho desenvolveu-se a partir de perguntas-chave feitas aos alunos, um procedimento que ele considera eficaz no contexto escolar. Assim, Barbosa propõe ao público que reflita sobre quais perguntas disparadoras fariam sentido para um projeto

compartilhado com sua comunidade por meio de uma ação digital. Ele apresenta exemplos de grupos de teatros que passaram a ser conhecidos por professores e alunos a partir das entrevistas propostas por meio dos questionários, no âmbito do projeto: Teatro Cego (São Paulo), Balé Folclórico da Bahia, As Bacurinhas (Minas Gerais) e Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela (Rio Grande do Sul). Após reforçar o potencial dos meios digitais para facilitar o encontro com a multiplicidade, Marcos Barbosa menciona que um projeto como esse pode pôr em prática competências preconizadas pela BNCC, utilizando na produção de conteúdo softwares como Audacity, Reaper e Anchor para a edição de áudio, plataformas de hospedagem de podcasts como Spreaker, Soundcloud e Buzzsprout e bibliotecas de áudio como YouTube Library e Dig CC Mixter, todos gratuitos.

Joana Dória aborda em sua fala a circunstância de ter "a casa na sala de aula e a sala de aula em casa". Ela ressalta a importância de construir nas aulas on-line um ambiente acolhedor, considerando especialmente os constrangimentos que podem ser causados pela exposição do ambiente doméstico dos alunos e a intensificação da exposição à própria imagem. Levando em conta o caráter inevitável dessas problemáticas, a convidada provoca o público a refletir sobre as possibilidades criativas de tais circunstâncias e aponta alguns caminhos.

Um dos aspectos por ela indicados é a importância de conhecer profundamente a plataforma de trabalho para poder explorar seus recursos. Outro seria orientar as turmas sobre a montagem de um fundo neutro no ambiente de acompanhamento das aulas, a utilização de fones de ouvido e até mesmo a possibilidade de convidar as famílias a participarem de algumas atividades, em contextos de ambientes compartilhados.

Para Joana, é possível considerar a diversidade dos espaços, as circunstâncias dadas dos lugares onde os alunos estão, como ponto de partida para a criação, a fim de propor uma apropriação do ambiente doméstico. Nesse sentido, várias linguagens e diversos elementos podem ser integrados para criar novas relações com a tela e possibilidades de interação, como a música, teatro de sombras, desenho, animação, cenas dialógicas, além dos recursos da linguagem audiovisual. Para os momentos de apresentação pública, ela destaca a preparação do público, por meio de instruções técnicas, e do ambiente para a experiência através das telas.

Um último aspecto é mapear os interesses coletivos para a criação de estratégias de favorecimento das trocas entre os integrantes da turma e construção de um projeto mobilizador que gere engajamento dos alunos. A interação facilita a percepção da proximidade e contribui para a integração da turma no ambiente virtual.

Karina Almeida convida o público da sala virtual a vivenciar a prática "O espaço do corpo e o corpo no espaço", com a proposta de sensibilizar o corpo e despertar a percepção corporal na relação com o espaço. A prática inicia com um aquecimento focado nos eixos articulares do corpo. Em seguida, são realizados movimentos de expansão e recolhimento das extremidades do corpo com auxílio de uma toalha. As participantes foram convidadas a imaginar uma forma de cubo ao seu redor e se deslocar de formas variadas pelo interior dessa imagem, explorando a zona de alcance do movimento e, posteriormente, incluindo alguns momentos de pausa.

A prática conclui o evento e oferece aos participantes a oportunidade de inventar e explorar novas formas de mover e criar espaços com o corpo e ao redor do corpo, acordando os sentidos para a nossa relação com o mundo dentro e fora das telas.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Tour Virtual 360º do Museu Casa de Portinari

Convidadas: Cristiane Maria Patrici e Andreia A. dos Santos Duarte (Setor Educativo do Museu Casa de Portinari)
Mediação: Prof. Durval de Campos Mantovaninni Junior
Síntese do evento: O Tour Virtual 360º do Museu Casa de Portinari é uma visita virtual mediada por integrantes do setor educativo da instituição. As imagens em 360 graus disponíveis no espaço interativo permitem a visualização completa de ambientes.

Na abertura da visitação, a gerente do museu, Cristiane Maria Patrici, apresenta ao público esse patrimônio histórico localizado em Brodowski, no interior do estado de São Paulo, próximo a Ribeirão Preto. Inaugurado em 1970, esse museu público é gerido pelo Governo do Estado de São Paulo, em parceria com a Organização Social de Cultura ACAM Portinari. Ele está instalado na casa onde Portinari viveu com seus pais e seus onze irmãos. Hoje o imóvel é um patrimônio histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (Condephaat), que preserva e torna acessível o legado do artista. Para Cristiane, o tour virtual permite ao público conhecer mais a relação do artista com sua terra natal.

A educadora Andreia Duarte apresenta, em seguida, os aspectos abordados durante a visita virtual. A proposta da atividade é tratar do acervo e também da vida do artista na casa e em Brodowski, além de ser um convite para uma visita presencial.

Antes da visita propriamente dita, Andreia faz um panorama sobre o museu e seu acervo, constituído por pinturas murais e de temática sacra, além de uma coleção de desenhos e poemas de Portinari. As salas exibem também objetos de uso pessoal, itens utilizados em suas criações artísticas e mobiliário pertencente à família. Dois ambientes ganham especial destaque: o ateliê do artista e a capela construída para sua avó paterna, apelidada "Capela da Nonna". A educadora apresenta também um vídeo explicativo sobre a técnica do afresco, usada em boa parte das obras.

O tour virtual inicia-se pela exploração de aspectos arquitetônicos e paisagísticos da parte externa do museu-casa. Em seguida, é hora de acessar cada uma das salas, exibindo a disposição das obras pelos espaços e trazendo aspectos do processo de criação dessas obras. Na sala principal, onde se avista uma grande fotografia da família de Portinari, Andreia conta algumas histórias da vida pessoal do artista e de seus parentes. Na sequência, um vídeo sobre a Capela da Nonna mostra detalhes das obras do artista ali presentes. O tour termina no jardim externo do museu-casa, onde Andreia conta um pouco sobre seus ambientes e mostra a disposição dos espaços que compõem a casa.

Entre as perguntas feitas pelos professores e professoras que acompanharam o tour, curiosidades a respeito da vida de Portinari e dúvidas sobre a dinâmica de atendimento ao público do museu. Andreia destaca que a visita virtual tem duração menor que uma visita presencial, na qual é possível se sentir como em uma visita a uma família de amigos. Uma das participantes elogia a experiência da visita virtual mediada pelo Setor Educativo, que considera totalmente diferente de quando havia realizado a visita por conta própria: o interesse em agendar uma visita mediada com a participação de sua turma de estudantes só fez crescer.

A atividade conclui-se com falas de agradecimento e a disponibilização dos contatos para agendamento de visitas virtuais mediadas no Museu Casa de Portinari, em um momento em que as visitas presenciais estão impossibilitadas pela pandemia de Covid-19.

Palestra: “Intersecções entre arte e tecnologia”

Convidada: Profa. Dra. Giselle Beiguelman
Mediação: Profa. Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano
Síntese do evento: A palestra Intersecções entre arte e tecnologia foi pensada para contextualizar o trabalho do(a) professor(a) em relação às tecnologias contemporâneas, em especial a relação com elas no contexto da pandemia de 2020/2021, ao iluminar as interseções entre aparatos técnicos, fazer artístico e linguagem estética. Para Beiguelman, toda arte pressupõe uma tecnologia, pois as práticas artísticas só podem ser experimentadas com instrumentos e recursos específicos. As tecnologias então são mais que instrumentos de realização, pois trazem em seus aparatos tecnológicos determinadas estéticas e linguagens.

As transformações da Revolução Industrial e da urbanização foram apresentadas por Beiguelman como o contexto histórico-social da “virada maquínica”: momento em que a produção artística deixa de ser mediada pela tecnologia e passa a ser produzida em relação a ela, interferindo nas formas de entender e decodificar o mundo. O cinema, em especial, marca um corte definitivo, em que a arte se desvincula de um suporte único. Posteriormente, com o advento da televisão, surge a possibilidade de distribuição sincrônica da imagem, independentemente do espaço.

Entra em curso, assim, um processo de digitalização da cultura, que consistiria na capacidade de conceber uma espécie de síntese do real, ou seja, um real que já não existe sem imagens absolutamente sintéticas, as quais não dependem de um índice de realidade para existir. Nesse sentido, a convidada observa tipologias de imagens: as que não necessitam da ação humana para serem produzidas; e a imagem eletrônica, que abre a possibilidade de aderir a diversas superfícies e de constituir campos de interação. As imagens digitais e eletrônicas, aliás, podem ocupar espaços como os das cidades e também serem ocupadas por seus habitantes. Para contextualizar a temática, o público é convidado a apreciar a produção dos artistas Leandro Lima, Detanico e Lain, Nam June Paik, Krzysztof Wodiczko, Jenny Holzer e da própria Giselle Beiguelman.

A convidada aborda a intensificação da “pasteurização do olhar” trazida pela pandemia de Covid-19, que teria implicado uma “pandemia das imagens”. Essa espécie de nova pedagogia pela máquina expandiu de maneira inaudita a capacidade de produção de imagens e linguagem. Contudo, tal produção está submetida a uma padronização, uma vez que ocorre em

espaços absolutamente regrados por algoritmos. Passamos a nos adequar às condições necessárias para a visibilização e a autoprojeção nas redes, além de utilizarmos equipamentos muito semelhantes entre si, o que resulta em uma predeterminação de enquadramentos, formas de expressão e, em última instância, olhares.

Segundo Beiguelman, esse cenário impõe uma falsa simetria de poder: achamos que usamos as empresas, quando, na verdade, somos usados por elas, doando dados de maneira não consensual. Esse tipo de relação opaca abre caminhos para um campo de criação inusitado, o qual ela chama de "estética do banco de dados". Artistas que trabalham com essa estética operam tal realidade, fundada na massa de informações que alimenta os serviços on-line, para explorar suas falhas de comunicação, suas brechas, seus ruídos. Exploram a emergência e a convivência com "olhos maquínicos", que nos veem sem que os vejamos. Para ilustrar esse ponto, são apresentados os trabalhos dos artistas Paolo Cirio, Emma Scheffer, Natalie Bookchin, Masashi Kawamura com Tomohiko Koyama, Hiroki Ono e Qanta Shimizu, Aaron Koblin e Adam Harvey com Arquivo Sírio.

A mediadora, Patricia Grandini, propõe então um olhar para a sala de aula orientado pelas problemáticas apresentadas pela convidada, salientando a importância de criarmos interlocuções favoráveis à construção de olhares mais plurais. Grandini chama atenção para o fato de que a história da arte continua no presente. Se deixarmos de dialogar com a produção contemporânea – que vai da videoarte às artes on-line, da net art ao uso da inteligência artificial –, estaremos apostando em um sucateamento do estudo da arte e da prática artística.

Para encerrar, Giselle convida o público a mergulhar no universo da artemídia – das artes que se realizam pelos meios e não com os meios – como o campo que pode ampliar nossa percepção sobre a escala da arte contemporânea.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

REGIÃO SUL

FOTO: Banco de Imagens Unsplash

Arte, cultura e tecnologia na pandemia

O Encontro Regional da Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2021, foi sediado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). O evento contou com uma série de palestras, debates e oficinas, que aconteceram de forma remota e foram transmitidos pelo canal do Instituto Arte na Escola no YouTube.

Esse encontro regional visou aproximar os sujeitos atuantes nos polos, por meio de trocas sobre a arte-educação na região Sul, com olhar atento para questões relativas aos aprofundamentos da formação continuada de educadores.

O encontro enfocou reflexões surgidas neste tempo de pandemia, a partir da Arte e da Cultura. Estiveram reunidos virtualmente representantes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná.

Oficina “Corpo em processo criativo”

Convidada: Profa. Dra. Márcia Strazzacappa
Mediação: Profa. Ms. Amalhene Baesso Reddig
Síntese do evento: A proposta parte do pressuposto de que, para construir conhecimentos no campo das artes cênicas, é imprescindível a experimentação no e por meio do corpo. Dessa forma, o objetivo da oficina foi estudar o corpo como potência criadora em uma vivência dirigida a partir da exploração de três objetos e sua relação com o espaço.

Logo no início da exposição, a convidada assinala alguns aspectos do processo de reinvenção enfrentado com a chegada da pandemia da Covid-19 e a consequente transposição das oficinas para o ambiente virtual. O primeiro deles é o fato de não mais compartilhar um espaço físico com os alunos e as alunas, o que impossibilita orientações individuais. Nesse sentido, Márcia Strazzacappa alerta para a importância de que cada um mapeie as capacidades e os limites do próprio corpo, de forma que se movimente somente de acordo com suas possibilidades, respeitando as condições físicas no momento da realização da oficina.

O segundo aspecto apresentado é o fato de a oficina ter sido pensada para professores e educadores de arte, adultos, e não para crianças ou adolescentes; portanto, não seria adequado transpor aqueles exercícios para a sala de aula, uma atitude que Márcia chama “Pá-pum”. Ao contrário, o fundamental é viver a prática no próprio corpo, se entregar inteiramente à experiência, para desenvolver um aprendizado que possibilite trabalhar as propostas com outras pessoas e compreender as adaptações necessárias a cada público. Sendo assim, reforçou a importância de viver plenamente a experiência da oficina, reservar o momento para si e despertar o corpo para as sensações que emergem durante a vivência.

Em seguida, Márcia explica a escolha dos objetos solicitados para a realização das propostas: um mais pesado, como uma pedra ou uma enciclopédia impressa; um leve, como uma pluma, uma folha de papel ou um balão de aniversário; e outro feito de tecido e que possa envolver o corpo, como um lençol, uma echarpe ou uma canga. Como orientação complementar, ela apresenta uma série de indicações bibliográficas de autoria própria sobre a temática da oficina.

Apresentada a atividade, inicia-se o trabalho prático. Com o público em pé, Márcia propõe que comecem a bocejar e se espreguiçar de modo intenso, prolongado e variado, a fim de acordar os músculos do corpo e da face. Em seguida, é hora de movimentar todas as articulações do corpo, dos pés à cabeça, a ponto de encontrar nele certa moleza. Essa etapa de aquecimento

é finalizada com uma pausa, em pé, para que se perceba a própria presença: respiração, temperatura, tônus muscular e o estado geral do corpo após os exercícios iniciais.

A oficina segue para a exploração dos objetos. Márcia explica que as diferenças de forma, textura, peso e temperatura dos objetos resultam em diferentes interações com o corpo. O primeiro exercício proposto consiste em sentir o peso do objeto mais pesado, segurando-o ou equilibrando-o de formas diversas, sem o derrubar, na relação com o corpo em movimento. Márcia intervém pontualmente na exploração com instruções de mudança de ritmo e pausas para conscientização do trabalho corporal. O exercício é repetido, dessa vez com o objeto mais leve, sempre com a orientação de que os participantes observem as relações que o corpo constrói no deslocamento de cada objeto, considerando suas características específicas. Márcia chama a atenção para a diferença entre a exploração do objeto pesado, em que a verticalidade e a relação com a gravidade fazem a movimentação tender para baixo, e a do objeto leve, em que o ar é o elemento condutor da experimentação, que acaba por tender para cima e para os lados.

Nos movimentos com o tecido, Márcia inicialmente expõe algumas possibilidades de manipular esse tipo de objeto conforme seu tamanho e seu material: torná-lo mais flexível ou mais firme, envolver-se nele, envolvê-lo ou até mesmo cobrir-se totalmente com ele. Propõe alternar movimentos que estiquem o tecido ao máximo, envolvendo diferentes partes do corpo, e outros em que ele se contraia. Ao fim dessa experimentação, Márcia propõe a cada participante que crie seu circuito de movimento ou frase de movimento, alternando os objetos de acordo com o desejo sentido no momento. Os participantes são orientados a perceber como o corpo reage quando desloca cada um dos objetos, buscando conectar-se consigo mesmo durante a exploração.

Após a vivência, são feitas algumas perguntas para reflexão pessoal: qual objeto me foi mais simpático? Que tipo de movimento, no dia de hoje, me senti mais confortável para fazer – o peso, o ar, o se envolver, torcer, esticar? Qual relação existe entre o que eu gostei mais hoje e o modo como estou me sentindo? Quais relações estabeleço entre meu eu e meu movimento? De que maneira posso fazer disso meu processo criativo?

A partir dessa percepção, a convidada expõe diferentes perspectivas: alguns artistas mergulham fundo em uma dor e optam pelo movimento mais desagradável para que justamente a exaustão gerada origine algo criativo; outros insistem no movimento que os agradou e o exploram profundamente até que se torne uma nova criação.

Os participantes são, na sequência, convidados a explorar novamente os movimentos descobertos e privilegiem os que começam a ganhar algum sentido. A ideia é novamente montar uma frase de movimentos, mas com a perspectiva de que será mostrada a alguém. Assim, cada participante deve observar a si na imagem da câmera e organizar uma sequência com início, desenvolvimento e finalização. Os participantes exibem na sala virtual as frases de movimentos criadas, enquanto Márcia as comenta pontualmente e, ao final, exibe uma sequência de sua própria autoria.

No encerramento da oficina, Márcia conta o que inspirou a escolha desses objetos. O peso que a pandemia trouxe ao cotidiano das pessoas, manifestado na fala de muitos, inspirou a escolha do primeiro objeto, no sentido de transpor esse peso para o próprio corpo. O objeto leve, por sua vez, traria a leveza necessária para passarmos pelo momento, a necessidade do ar em meio à sensação de sufocamento. Já a escolha do tecido responde à falta do toque e do abraço imposta pelo momento. Os objetos buscam, portanto, materializar sensações que experimentamos no corpo, mas que nem sempre estão sendo faladas ou até mesmo pensadas.

O trabalho da oficina pode ser complementado com sons instrumentais, músicas, canto ou poesias recitadas. Em um ambiente presencial, pode ser feito em grupos, usando as frases de movimento elaboradas pelos integrantes para compor “parágrafos”, de modo que se contaminem mutuamente, até não ser mais possível identificar quem criou qual movimento. Márcia Strazzacappa propõe que a dança seja vista como “movimentos humanamente organizados de acordo com uma intenção estética” e sugere que todos observem o mundo, buscando sentir no corpo o que é mobilizado a partir desse olhar. Revela, assim, que todos e todas têm a possibilidade de criar uma coreografia.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

Palestra “O corpo é a ponta do lápis”

Convidada: Edith Derdyk
Mediação: Profa. Ms. Izabel Duarte
Síntese do evento: A partir da investigação sobre a origem e as possibilidades do desenho como coreografia registrada no papel, Edith Derdyk propõe um sobrevoo pela produção de diferentes artistas e pessoas comuns para compreender melhor como usamos essa linguagem e as potencialidades do gesto que a realiza.

Por que o desenho? Edith Derdyk afirma que se trata de uma linguagem muito antiga e permanente, que, há muitos milhares de anos, surgiu como uma possibilidade de comunicação. Em um primeiro momento se manifestou por meio dos sinais, como um indício da passagem de alguém. Pode-se afirmar, portanto, que o desenho vai muito além do lápis e papel – esse, na verdade, é um entendimento constituído em um tempo histórico determinado, mais intensamente no Renascimento. O desenho pressupõe, na realidade, a presença de um corpo, o qual deixa sinais por onde passa. Um exemplo dessa ideia é o desenho deixado pelas pegadas dos animais na natureza, o desenho feito pela árvore ao ter suas folhas trançadas pelo vento ou mesmo as manchas deixadas pelo encostar das mãos nas paredes das casas – tudo isso indica que alguma coisa passou por ali e deixou um rastro, um sinal.

O desenho, portanto, poderia ser interpretado como uma coreografia, um anteparo de gestos que acontecem em um espaço e deixam uma marca de passagem. Outra de suas características, ressaltada por Derdyk, é ser uma linguagem inata, pois todos nós desenhamos.

Levando esses aspectos em conta, lança-se uma reflexão acerca da origem da afirmação “eu não sei desenhar”. Segundo a convidada, essa crença parte de um momento da história que incute a ideia de desenho como representação ou sistema de equivalência com aquilo que vemos, ou seja, uma cópia do real. Esse é um modelo de desenho que habita nossas ideias antes mesmo de tentarmos desenhar, fato que nos afasta do próprio corpo e da ideia originária do desenho como gesto que imprime, no contato com qualquer superfície, um sinal. Nesse sentido, o traço é exatamente o tônus individual, singular, intransferível de cada um de nós, o modo particular de conduzir o gesto para traçar uma linha – esse modo característico de cada indivíduo é justamente o que dá a qualidade expressiva da linha e pode ser, por exemplo, rápido, suave, intenso, circular, duro etc., expressando o modo como aquele corpo traduz as qualidades sensíveis do mundo.

O desenho informa, portanto, como uma história está sendo contada, mais que o que essa história conta, pois sua qualidade expressiva organiza a emissão de diferenças e revela que a linha possui uma corporeidade. Esses aspectos indicam que nós desenhamos com o corpo inteiro, com todos os sentidos – audição, tato, olfato, paladar inclusos na observação do mundo –, o que é muito diferente da ideia de ter os olhos como comandantes de todos os sentidos ao desenhar. Na observação do mundo, muitas vezes acabamos sobrepondo as categorizações, as "legendas" das coisas, até mesmo ao próprio olhar, ou seja, antes de ver as coisas em si, vemos o nome atribuído a elas, como se víssemos um mundo legendado. Levando isso em conta, Edith ressalta a importância de desabituar e desacomodar o olhar para poder abrir o campo de percepções, o que amplia a potência do desenho e o desconecta da ideia de pura representação do real.

Derdyk também chama atenção ao fato de que o desenho é uma linguagem que transita entre todas as áreas do conhecimento – arte, ciência e técnica – e às possibilidades de explorar isso no contexto escolar. O desenho, além de conduzir a percepção e a sensibilidade, ou justamente por isso, é uma linguagem que produz conhecimento. Na biologia, matemática, química, filosofia, música etc., atua o desenho como uma linguagem constitutiva de pensamento. Tudo o que existe em nosso entorno foi desenhado por

FOTO: Juliana Barone Lazarini | Polo Arte na Escola da UEL

alguém, a própria escrita é uma forma de desenho, uma vez que o signo verbal é, antes de tudo, um signo visual. Ele está presente em toda a nossa vida, seja na paisagem cultural, seja na paisagem natural – se observarmos a natureza, veremos que suas formas criam desenhos no espaço.

Ao longo do encontro, foram exibidas imagens recortadas de diferentes contextos históricos e sociais, como pegadas no solo, figuras rupestres, ilustrações de estudos científicos, mecânicos, botânicos, anatômicos e de movimento, esboços de artistas renomados e pinturas corporais em rituais de povos originários. Foram trazidas também imagens de produções artísticas realizadas com diversos instrumentos e a partir de diversos tipos de interação com corpo, por nomes como os artistas Jackson Pollock, Henri Matisse, Lygia Clark, Anna Maria Maiolino e Robert Barry e a coreógrafa Trisha Brown.

Derdyk passa a exibir desenhos infantis, especialmente garatujas, e chama a atenção para a presença das formas circulares, comparando-as, em seguida, a desenhos e artefatos elaborados por povos antigos e a desenhos de observação de células, sistemas planetários, sistemas mecânicos, mosaicos, mandalas e construções pré-históricas. Com isso, destaca-se a reiteração do elemento da circularidade em todas essas manifestações visuais; as recorrências nos atravessam ao longo do tempo. A convidada mostra como essas formas circulares também estão presentes em produções de artistas como Robert Smithson, Aleksandr Rodchenko, Wassily Kandinsky, Eva Hesse, Alexander Calder, Paul Klee e Jean Arp.

A circularidade aparece, assim, como um gesto que nasce de nossa relação simbiótica e natural com o mundo, quando comparada com a aquisição do quadrado e do triângulo. Segundo Derdyk, na paisagem cultural ocidental, convivemos com formas geométricas; portanto, quando essas formas aparecem nos desenhos infantis, revelam nova aquisição do pensamento, uma mudança na forma de perceber o mundo. São usadas como ilustração disso produções de crianças e também de artistas como Amilcar de Castro, Piet Mondrian e Anna Maria Maiolino. Ela apresenta, por fim, uma reflexão: com os novos tempos, especialmente o período de pandemia, em que muitas atividades são desenvolvidas diante de telas retangulares, quais novos corpos e entendimentos serão produzidos?

Na sequência, Derdyk seleciona produções de artistas como Wassily Kandinsky e Paul Klee como exemplos de estudo dos modos expressivos de organizar no espaço elementos como linhas, vetores, formas geométricas. Para ela, é a partir desse momento que artistas passam a entender o

desenho como uma gramática, uma linguagem, uma ciência, algo que tem uma sintaxe própria. Em paralelo, exibe produções de crianças para comentar como elas revelam a aquisição da percepção do cheio e do vazio. Diante disso, fica claro que a percepção estética está presente em todos nós; portanto, a ideia do "não saber desenhar" não tem validade.

A palestra encaminha-se para o final com uma fala sobre os gestos da escrita, que utiliza os mesmos materiais do desenho. Sendo assim, o papel, que era utilizado com uma liberdade de percurso do traço (o qual podia envolver o corpo inteiro), passa a ser utilizado em maneira determinada (no Ocidente, da direita para a esquerda, de cima para baixo) e com primazia do olhar sobre o gesto, que deve domesticar o punho. Assim, recuperar a capacidade expressiva da linha e trazer essa experiência para o ato de escrever é fundamental. São exibidas, como exemplo, produções dos artistas Cy Twombly e Pierrette Bloch, que buscaram dar liberdade ao gesto da escrita para que seja entendido como gesto, como traço, como desenho.

Edith Derdyk define sua palestra, ao fim, como um sobrevoo por algumas questões desse grande território do desenho, que está absolutamente vinculado à presença de um corpo, que indica um caminho e um modo de caminhar, traça uma linha e traz uma qualidade expressiva. Essa percepção possibilita-nos entender que o desenho é algo muito amplo e que está presente em nosso percurso civilizatório desde sempre. Por isso, entendemos que o corpo inteiro está nesse ponto de contato com a superfície, e é pela necessidade de percorrer o mundo que o desenho acontece, sinalizando nossas percepções sensíveis e cognitivas.

Quer rever ou mesmo visitar pela primeira vez esse conteúdo?
Clique aqui para assistir.

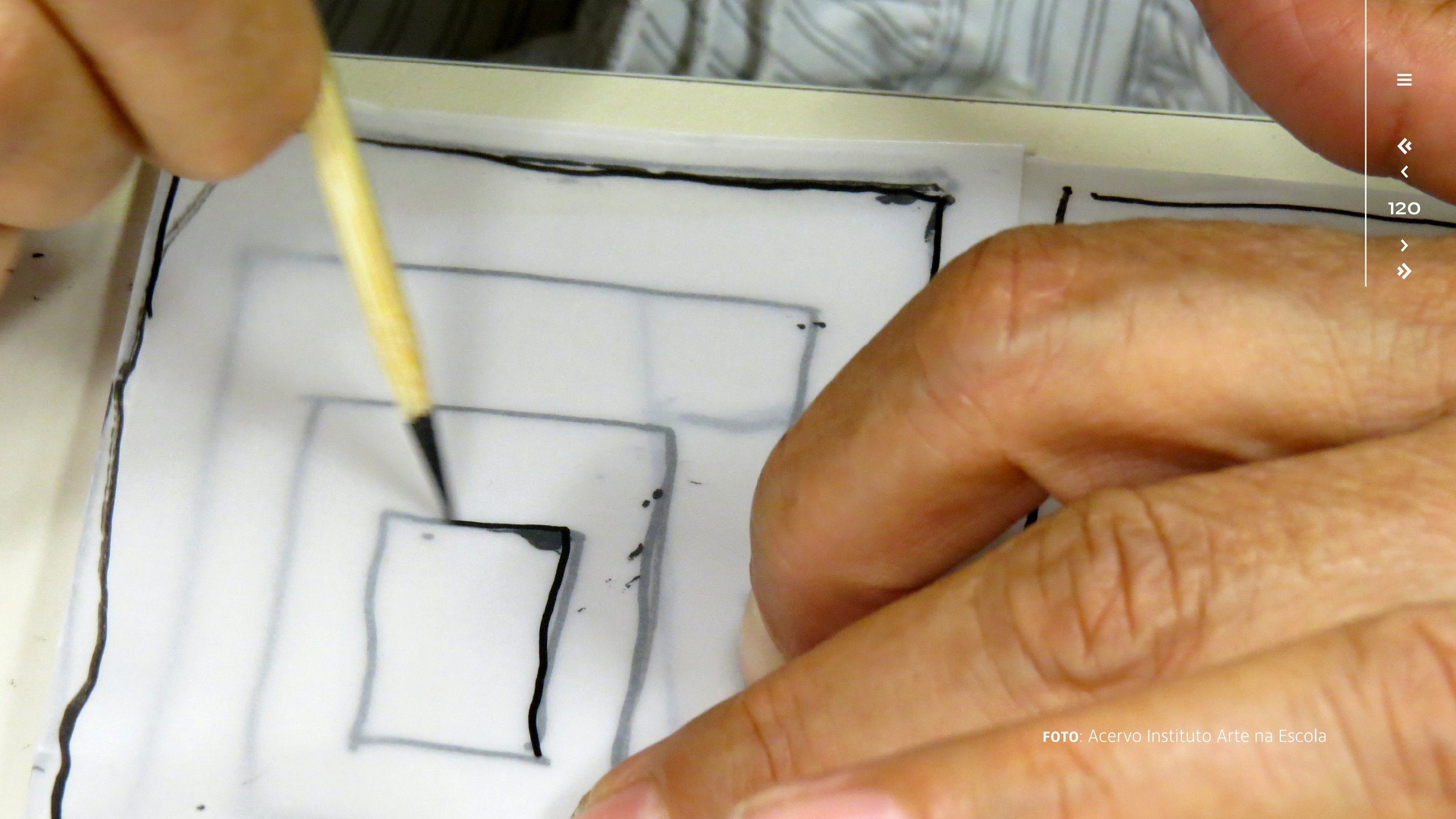


FOTO: Acervo Instituto Arte na Escola

6 Ações em Conexão

Ações em conexão

por **Jaqueline Vasconcellos**
Coordenadora Geral – Instituto Arte na Escola

O trabalho em rede configura um desafio para instituições, pois ele pressupõe uma mudança na mundividência para a qual estamos direcionados por antigos modelos de gestão. Existe uma propensão, até natural, a entender redes colaborativas como modelo mais flexível de gestão, para o qual deveria rumar as estruturas institucionais centralizadoras. É muito comum que, em algumas redes, algum "nó" se intitula o ponto central ou de referência daquela trama e vá na contramão do conceito que define tal organismo.

A realização dos Encontros Regionais da Rede Arte na Escola aponta para a construção de outras práticas mais descentralizadas de gestão, pois tomam como ponto de partida uma grande rede de professores universitários interessados em disseminar práticas inovadoras na arte-educação no Brasil.

Cada região organizou-se entre seus polos e estruturou desde a programação do encontro até a construção horizontal das decisões sobre os caminhos que essa rede deverá seguir nos próximos anos.

Cumprindo seu papel, o Instituto Arte na Escola estabelece práticas que impulsionam seus membros à construção de autonomia sobre a realização de ações, no sentido do seu crescimento enquanto organismo.

Ao estabelecermos, no projeto original postulado para patrocínio, que esses encontros regionais seriam parte do escopo central do que seria incentivado pela Lei de Incentivo Federal à Cultura – Lei Rouanet, o IAE reafirma que a Rede Arte na Escola é um espaço de investimento, que está sendo impulsionado desde sua criação, por meio de ações sistemáticas financiadas pelo instituto.

Nesse sentido, agradecemos aos colaboradores que fizeram parte da nossa equipe de trabalho em 2021 e que ativamente trabalharam para a realização desses encontros regionais, pois tornaram possível a realização dos eventos, que deram origem a esta publicação.

Agradecemos a Felipe Bueno, assistente de projetos que, por anos, esteve com a Rede Arte na Escola, nos bastidores, organizando e planejando, junto com a coordenação, as melhores maneiras de gestão para tão complexo organismo.

5. Agradecimentos

Agradecemos a Luiz Destefano, coordenador de Tecnologia da Informação à época, cuja atuação profissional possibilitou as transmissões virtuais dos encontros, e sem o qual elas não teriam acontecido de maneira tão eficiente.

Agradecemos também a Catarina Ferreira, nossa “Cats”, assistente de comunicação que, junto com a Coordenação de Comunicação, exerceu papel crucial na comunicação externa dos encontros, ao auxiliar à assessoria de imprensa a pensar estratégias de difusão ampla das ações idealizadas pela Rede Arte na Escola.

Eles não compõem mais a nossa equipe, mas não falar de suas atuações seria invisibilizar o papel crucial que tiveram para que acontecessem essas ações importantes à rede.

Para além das ações de financiamento direto, o capital humano é um dos nossos principais investimentos na manutenção da Rede Arte na Escola, que, há anos, vem mudando o cenário do ensino da arte nas escolas, por meio de compartilhamentos com os professores em sua localidade.

Por fim, nós, do IAE, agradecemos a cada autor(a) que doou tempo construindo os textos desta publicação, para divulgar as ações realizadas em 2021 e também trazer à tona uma rica memória sobre o IAE e sua fundadora, a saudosa Evelyn Iochpe.

Gratidão a Julio Landmann, Nadja de Carvalho Lamas e Mila Milene Chiovatto, que construíram textos e contaram aos leitores como surgimos e o que motivou a criação desse instituto, por meio da perseverança da senhora Evelyn.

Estamos gratos a cada coordenador e coordenadora dos Polos Arte na Escola, que construíram juntos o conteúdo sobre a ação de cada núcleo que forma essa trama tão potente.

São essas construções coletivas que nos fazem reafirmar a missão do IAE: potencializar o ensino de arte no Brasil, oferecendo condições para que as ações planejadas pelo coletivo aconteçam com qualidade e efetividade.

Imagem do projeto “Conteúdos” usa arte contemporânea para refletir com estudantes do Ensino Médio sobre o aqui e agora em que estão imersos. Ele foi o vencedor na categoria Ensino Médio do XIX Prêmio Arte na Escola Cidadã (Acervo/Instituo Arte na Escola)

6 Ficha técnica

Ficha técnica

Coordenação geral
Jaqueline Vasconcellos

Comitê editorial
Auana Diniz
Jaqueline Vasconcellos
Micaela Altamirano
Pedro Ermel

Organização
Inaê Coutinho
Jaqueline Vasconcellos
Micaela Altamirano
Pedro Ermel

Edição
Auana Diniz

Preparação de originais
André Albert

Revisão de textos
Sandra Pereira | Verso e Ponto Comunicação

Projeto gráfico e diagramação
Amí Comunicação & Design

Autores
Alena Rizi Marmo Jahn | Alexandre da Silva Santos Filho | Amanda da Silva Pinto | Amilton Damas de Oliveira | Anderson dos Santos Paiva | Carmem Nogueira | Caroline Bertani da Silva | Danuza da Cunha Rangel | Dilma Marques Silveira Klem | Durval Mantovaninni | Edite Colares | Eliane Patricia Grandini Serrano | Francisco Alves Gomes | Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araújo | Hirlândia Milon Neves | Jacson do Espírito Santo | Jaqueline Vasconcellos | Julio Landmann | Leila Adriana Baptaglin | Lilian Araújo dos Santos | Lucília Guerra | Mara Rúbia Colli | Marcos Andruchak | Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza | Maria José Lisboa Silva | Maria da Penha Fonseca | Micaela Altamirano | Mila Milene Chiovatto | Nádia da Cruz Senna | Nadja de Carvalho Lamas | Noeli Batista dos Santos | Núbia Suely Canejo Sampaio | Olga Egas | Pedro Ermel | Pollyanna Jericó Pinto Coêlho | Sandra Mara Rhoden | Silemar Maria de Medeiros da Silva | Simone Rocha Abreu | Simonne Teixeira | Sinara Maria Boone | Sueli Eisenberg | Tania Cristina Costa Ribeiro | Tarcila Lima da Costa | Tiago Pereira | Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

EQUIPE DO INSTITUTO ARTE NA ESCOLA NO PROJETO

Presidente
Claudio Anjos

Gestora administrativa e financeira
Inês Mendonça

Coordenação geral
Jaqueline Vasconcellos

Assistente financeira
Taciana Carvalho

Coordenadora de comunicação
Maíra Martinez

Estagiária de comunicação
Tailana Cruz

Analistas de projetos seniores
Pedro Ermel
Thaís Rossi

Assistente de tecnologia da informação
Victor Hugo Guida

Assistente de projetos
Mika Mattos

6. Ficha técnica

Lei de Incentivo à CULTURA

Apresentação:

IOCHPE-MAXION

Patrocínio:

CSN

MAXION WHEELS
a division of IOCHPE-MAXION

USIMINAS

VELT PARTNERS

bradesco

ALIANÇA
A Maersk Company

HAMBURG SÜD
A Maersk Company

Copatrocínio:

BIC

Jandaia CADERNOS

POLIMIX

Realização:

arte na escola

FUNDAÇÃO IOCHPE

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

arte
na escola®